



PLANO MUNICIPAL DE EMERGÊNCIA DE PROTEÇÃO CIVIL DE CASTELO DE PAIVA



PARTE III – ÁREAS DE INTERVENÇÃO

maio | 2015



Plano Municipal de Emergência de Proteção Civil de Castelo de Paiva

Parte III – Áreas de intervenção

Câmara Municipal de Castelo de Paiva

Data:

25 de maio de 2015



EQUIPA TÉCNICA

CÂMARA MUNICIPAL DE CASTELO DE PAIVA	
Direção do projeto	
Gonçalo da Rocha de Jesus	Presidente da Câmara Municipal de Castelo de Paiva
Equipa técnica	
Rute Cardoso	Lic. Gestão de Recursos Humanos
Sofia Trindade	Lic. Engenharia Ambiental
Cristiano Faria	Técnico de Desenho
Manuela Maria Gomes Moreira	Lic. Engenharia Civil

METACORTEX, S.A.	
Gestora de projeto	
Marlene Marques	Lic. Eng. Florestal (ISA-UTL); Mestre em Georrecursos (IST-UTL)
Cogestor de projeto	
Tiago Pereira da Silva	Lic. Eng. Florestal (ISA-UTL)
Equipa técnica	
Carlos Caldas	Lic. Eng. Florestal (ISA-UTL); MBA (UCP)
João Moreira	Lic. Eng. Florestal (ISA-UTL)
Marlene Marques	Lic. Eng. Florestal (ISA-UTL); Mestre em Georrecursos (IST-UTL)
Paula Amaral	Lic. Eng. Florestal (ISA-UTL)
Tiago Pereira da Silva	Lic. Eng. Florestal (ISA-UTL)



ÍNDICE

<i>Índice de Tabelas</i>	<i>ii</i>
<i>Índice de Figuras</i>	<i>ii</i>
<i>Acrónimos</i>	<i>iii</i>
PARTE III – ÁREAS DE INTERVENÇÃO	1
Nota Introdutória	3
1. Administração de meios e recursos	8
2. Logística	13
2.1 Apoio logístico às forças de intervenção	14
2.2 Apoio logístico às populações	19
3. Comunicações	24
4. Gestão da informação	30
4.1 Gestão da informação de apoio às operações	33
4.2 Gestão da informação pública	36
5. Procedimentos de evacuação	39
6. Manutenção da ordem pública	48
7. Serviços médicos e transporte de vítimas	51
7.1 Apoio psicológico	58
8. Socorro e salvamento	61
9. Serviços mortuários	65
10. Protocolos	71



ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Áreas de intervenção das principais entidades intervenientes e de apoio eventual no âmbito do PMEPCCP	4
Tabela 2. Procedimentos para a administração de meios e recursos	9
Tabela 3. Procedimentos de apoio logístico às forças de intervenção	14
Tabela 4. Procedimentos de apoio logístico às populações	19
Tabela 5. Procedimentos relativos às comunicações	27
Tabela 6. Procedimentos para a gestão da informação de apoio às operações	33
Tabela 7. Procedimentos para a gestão da informação pública	36
Tabela 8. Zonas de concentração local e abrigos temporários para o concelho de Castelo de Paiva	40
Tabela 9. Procedimentos de evacuação	44
Tabela 10. Procedimentos para a manutenção da ordem pública	49
Tabela 11. Procedimentos para os serviços médicos e transporte de vítimas.....	54
Tabela 12. Procedimentos para o apoio psicológico.....	59
Tabela 13. Procedimentos para o socorro e salvamento	62
Tabela 14. Procedimentos para os serviços mortuários.....	67

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Organização das comunicações em caso de emergência	25
Figura 2. Organograma do sistema de comunicações do PMEPCCP.....	26
Figura 3. Organização da gestão de informação do PMEPCCP.....	32
Figura 4. Procedimentos de evacuação	42
Figura 5. Procedimentos de evacuação médica	53
Figura 6. Organização das entidades responsáveis pelas ações de Socorro e Salvamento	61
Figura 7. Organização funcional dos serviços mortuários.....	66



ACRÓNIMOS

AMN - Autoridade Marítima Nacional

ANPC - Autoridade Nacional de Proteção Civil

APC - Agentes de Proteção Civil

APA - Agência Portuguesa do Ambiente

CBVCP - Corpo de Bombeiros Voluntários de Castelo de Paiva

CDOS - Comando Distrital de Operações de Socorro

CMCP - Câmara Municipal de Castelo de Paiva

CMPC - Comissão Municipal de Proteção Civil

CNOS - Comando Nacional de Operações de Socorro

COM - Comandante Operacional Municipal

COS - Comandante das Operações de Socorro

CVP - Cruz Vermelha Portuguesa

EDP - Energias de Portugal

ICNF - Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas

GNR - Guarda Nacional Republicana

INAC - Instituto Nacional de Aviação Civil

INEM - Instituto Nacional de Emergência Médica

INMLCF - Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses

IPE - Itinerários Primários de Evacuação

IPMA - Instituto Português do Mar e da Atmosfera

IPSS - Instituições Particulares de Solidariedade Social



ISS – Instituto de Segurança Social

LNEC – Laboratório Nacional de Engenharia Civil

NEP – Norma de Execução Permanente

OEA – Organismos e entidades de apoio

PCO – Posto de Comando Operacional

PCT - Posto de Controlo de Tráfego

PGR - Procuradoria-Geral da República

PMEPCCP - Plano Municipal de Emergência de Proteção Civil de Castelo de Paiva

REN - Redes Energéticas Nacionais

REPC - Rede Estratégica de Proteção Civil

ROB - Rede Operacional dos Bombeiros

SIRESP - Sistema Integrado de Redes de Emergência e Segurança de Portugal

SMPC - Serviço Municipal de Proteção Civil

TO – Teatro de Operações

ZCL - Zonas de Concentração Local

ZCR – Zona de Concentração e Reserva



Parte I – Enquadramento geral do plano

Parte II – Organização da resposta

Parte III – Áreas de intervenção

Parte IV - Informação complementar



NOTA INTRODUTÓRIA

Nesta Parte do Plano Municipal de Emergência de Proteção Civil de Castelo de Paiva (PMEPCCP) apresentam-se as áreas de intervenção básicas da organização geral das operações. Para cada uma das áreas de intervenção encontram-se identificados os responsáveis pelas mesmas, os seus substitutos, as entidades intervenientes e as de apoio eventual, as prioridades de ação e as instruções específicas. A ativação das diferentes áreas de intervenção previstas no PMEPCCP depende de:

- Natureza concreta de cada acidente grave ou catástrofe;
- Necessidades operacionais;
- Evolução da resposta operacional.

Na Tabela 1 identificam-se as áreas de intervenção das principais entidades intervenientes e de apoio eventual no âmbito do PMEPCCP. A nível da implementação das operações poderá ainda ser útil consultar as ações indicadas no Ponto 11 da Secção III – Parte IV.



Tabela 1. Áreas de intervenção das principais entidades intervenientes e de apoio eventual no âmbito do PMEPCCP

ENTIDADES		ÁREAS DE INTERVENÇÃO											
		ADMINISTRAÇÃO DE MEIOS E RECURSOS	LOGÍSTICA		COMUNICAÇÕES	GESTÃO DA INFORMAÇÃO		PROCEDIMENTOS DE EVACUAÇÃO	MANUTENÇÃO DA ORDEM PÚBLICA	SERVIÇOS MÉDICOS E TRANSPORTE DE VÍTIMAS		SOCORRO E SALVAMENTO	SERVIÇOS MORTUÁRIOS
			FI	PL		AO	PB			SMTV	AP		
COMISSÃO MUNICIPAL DE PROTEÇÃO CIVIL	CMCP												
	Juntas de Freguesia												
	CBVCP												
	GNR												
	Autoridade de Saúde do município												
	Autoridade Marítima												
	Centro de Saúde de Castelo de Paiva												
	Centro Hospitalar de Entre Douro e Vouga e Centro Hospitalar do Tâmega e Sousa												
	Serviço Local do ISS-Centro Distrital de Aveiro												
	Cruz Vermelha Portuguesa - delegação Castelo de Paiva												



ENTIDADES		ÁREAS DE INTERVENÇÃO											
		ADMINISTRAÇÃO DE MEIOS E RECURSOS	LOGÍSTICA		COMUNICAÇÕES	GESTÃO DA INFORMAÇÃO		PROCEDIMENTOS DE EVACUAÇÃO	MANUTENÇÃO DA ORDEM PÚBLICA	SERVIÇOS MÉDICOS E TRANSPORTE DE VÍTIMAS		SOCORRO E SALVAMENTO	SERVIÇOS MORTUÁRIOS
			FI	PL		AO	PB			SMTV	AP		
	Conferência Vicentina												
AGENTES DE PROTEÇÃO CIVIL, ORGANISMOS E ENTIDADES DE APOIO	Sapadores Florestais - Equipa SF-32-115 (Associação Florestal do Vale do Sousa)												
	Associação florestal do Vale do Sousa												
	Agrupamento Vertical de Escolas de Castelo de Paiva e Agrupamento de Escolas de Couto Mineiro do Pejão												
	Águas do Douro e Paiva												
	CDOS de Aveiro												
	Corpo Nacional de Escutas - Agrupamento 1258												
	EDP												
	Empreendimentos turísticos												



ENTIDADES		ÁREAS DE INTERVENÇÃO											
		ADMINISTRAÇÃO DE MEIOS E RECURSOS	LOGÍSTICA		COMUNICAÇÕES	GESTÃO DA INFORMAÇÃO		PROCEDIMENTOS DE EVACUAÇÃO	MANUTENÇÃO DA ORDEM PÚBLICA	SERVIÇOS MÉDICOS E TRANSPORTE DE VÍTIMAS		SOCORRO E SALVAMENTO	SERVIÇOS MORTUÁRIOS
			FI	PL		AO	PB			SMTV	AP		
AGENTES DE PROTEÇÃO CIVIL, ORGANISMOS E ENTIDADES DE APOIO	Empresas com maquinaria												
	Empresas de bens de primeira necessidade												
	Empresas de construção civil												
	Empresas de venda de combustíveis												
	Empresas de transporte de passageiros												
	Estradas de Portugal												
	Farmácias												
	Forças Armadas												
	APA												
	INEM												
	Instituto Português do Mar e da Atmosfera												
	Instituto de Registos e Notariado - MJ												
	Instituto Nacional de Medicina Legal (INML)												



ENTIDADES		ÁREAS DE INTERVENÇÃO											
		ADMINISTRAÇÃO DE MEIOS E RECURSOS	LOGÍSTICA		COMUNICAÇÕES	GESTÃO DA INFORMAÇÃO		PROCEDIMENTOS DE EVACUAÇÃO	MANUTENÇÃO DA ORDEM PÚBLICA	SERVIÇOS MÉDICOS E TRANSPORTE DE VÍTIMAS		SOCORRO E SALVAMENTO	SERVIÇOS MORTUÁRIOS
			FI	PL		AO	PB			SMTV	AP		
AGENTES DE PROTEÇÃO CIVIL, ORGANISMOS E ENTIDADES DE APOIO	IPSS que atuam no concelho	Apio eventual	Apio eventual					Apio eventual			Apio eventual		
	LNEC				Interveniente	Interveniente							
	Ministério Público - PGR												Interveniente
	Operadoras de telecomunicações (rede fixa e móvel)		Apio eventual		Apio eventual								
	Órgãos da comunicação social						Apio eventual						
	Párocos e representantes de outras religiões						Apio eventual			Apio eventual			
	Polícia Judiciária												Interveniente
	REN	Apio eventual	Apio eventual										
	Restaurantes		Apio eventual	Apio eventual				Apio eventual					
	Santa Casa da Misericórdia de Castelo de Paiva	Apio eventual	Apio eventual	Apio eventual				Apio eventual		Apio eventual	Apio eventual	Apio eventual	Apio eventual
	Serviço de Estrangeiros e Fronteiras								Apio eventual				Apio eventual

FI – Forças de intervenção; PL – População; AO – Apoio às operações; PB – Pública; AP – Apoio psicológico; SMTV – Serviços médicos e transporte de vítimas

- Interveniente
- Apoio eventual



1. ADMINISTRAÇÃO DE MEIOS E RECURSOS

No caso da **ocorrência de uma emergência no concelho de Castelo de Paiva, a estrutura de proteção civil mais adequada a intervir será a de nível municipal (Comissão Municipal de Proteção Civil - CMPC), devido à proximidade dos meios e recursos existentes, ao maior conhecimento da realidade local e à maior rapidez de análise da situação.** No caso dos meios da CMPC se apresentarem insuficientes para dar resposta à emergência, caberá ao presidente da Câmara Municipal de Castelo de Paiva, mediante as disponibilidades financeiras do município, requisitar meios adicionais (ver modelo de requisição de meios e bens na Secção III – Parte IV ponto 3) a entidades públicas e/ou privadas do concelho ou próximas do mesmo (contactos disponíveis no Ponto 1, da Secção III - Parte IV). O Diretor do PMEPCCP poderá ainda solicitar meios adicionais ao CDOS de Aveiro. A liquidação das despesas suportadas pela CMCP será efetuada através da Divisão de Gestão Financeira, Patrimonial e do Desenvolvimento. **Os meios e recursos requeridos devem adequar-se ao objetivo e deve ser dada preferência à utilização de meios e recursos públicos, sobre os privados,** conforme o n.º 3 do artigo 10.º da Lei n.º 27/2006, de 3 de Julho - Lei de Bases da Proteção Civil.

Importa realçar que caso a situação de acidente grave ou catástrofe ocorrida no concelho tenha sido grave o suficiente para levar à declaração de situação de calamidade por parte do Governo, a autarquia poderá candidatar-se ao **Fundo de Emergência Municipal** como definido no Decreto-Lei n.º 225/2009 de 14 de Setembro. O município poderá ainda, em caso de catástrofe, articular-se com a ANPC no sentido de recorrer à **Conta de Emergência** titulada pela segunda (Decreto-Lei n.º 112/2008, de 1 de Julho)¹. **Todos estes fundos têm por finalidade principal a recuperação de equipamentos e o apoio social, e não o ressarcimento de despesas associadas às operações de socorro. A CMCP poderá ainda criar e gerir uma Conta de Apoio de Emergência a qual poderá receber donativos por parte de particulares e entidades privadas, sendo os mesmos utilizados para suportar os custos associados às ações de emergência e reabilitação.**

No que respeita à ativação de meios, convém ainda salientar que, de acordo com a Lei de Bases da Proteção Civil (Lei n.º 27/2006, de 3 de Julho), **declarada a situação de alerta, contingência ou calamidade, todos os cidadãos e demais entidades privadas estão obrigados, na área abrangida, a prestar às autoridades de proteção civil a colaboração pessoal que lhes for requerida, respeitando as ordens e orientações que lhes forem dirigidas e correspondendo às respetivas solicitações.** A recusa do cumprimento desta obrigação corresponde ao crime de desobediência, passível de ser sancionável. Na Tabela 2 indicam-se as entidades responsáveis pela coordenação da administração de meios e recursos, as entidades intervenientes, as prioridades de ação e os procedimentos e instruções de coordenação.

¹ O acesso a fundos disponibilizados pela conta de emergência titulada pela ANPC carece de despacho conjunto dos membros do Governo responsáveis pelas áreas das Finanças e da Administração Interna.



Tabela 2. Procedimentos para a administração de meios e recursos

ADMINISTRAÇÃO DE MEIOS E RECURSOS	
ENTIDADE COORDENADORA	Responsável - Presidente da Câmara Municipal Substituto – Vice-Presidente da Câmara Municipal
ENTIDADES INTERVENIENTES	ENTIDADES DE APOIO EVENTUAL
<ul style="list-style-type: none">▪ Câmara Municipal de Castelo de Paiva	<ul style="list-style-type: none">▪ Águas do Douro e Paiva
<ul style="list-style-type: none">▪ Juntas de freguesia	<ul style="list-style-type: none">▪ EDP
<ul style="list-style-type: none">▪ Corpo de Bombeiros Voluntários de Castelo de Paiva	<ul style="list-style-type: none">▪ REN
<ul style="list-style-type: none">▪ GNR	<ul style="list-style-type: none">▪ Empresas com maquinaria
<ul style="list-style-type: none">▪ Centro de Saúde de Castelo de Paiva	<ul style="list-style-type: none">▪ Empresas de bens de primeira necessidade
<ul style="list-style-type: none">▪ Autoridade de Saúde do município	<ul style="list-style-type: none">▪ Empresas de construção civil
<ul style="list-style-type: none">▪ Sapadores Florestais - Equipa SF-32-115 (Associação Florestal do Vale do Sousa)	<ul style="list-style-type: none">▪ Estradas de Portugal
<ul style="list-style-type: none">▪ Serviço Local de Segurança Social, I.P. – Centro Distrital de Aveiro	<ul style="list-style-type: none">▪ Empresas de venda de combustíveis
<ul style="list-style-type: none">▪ Agrupamento Vertical de Escolas de Castelo de Paiva e Agrupamento de Escolas de Couto Mineiro do Pejão	<ul style="list-style-type: none">▪ Forças Armadas
<ul style="list-style-type: none">▪ INEM	<ul style="list-style-type: none">▪ CDOS de Aveiro
<ul style="list-style-type: none">▪ Conferência Vicentina	<ul style="list-style-type: none">▪ IPSS que atuam no concelho
<ul style="list-style-type: none">▪ Autoridade Marítima	<ul style="list-style-type: none">▪ Associação Florestal do Vale do Sousa
	<ul style="list-style-type: none">▪ Santa Cada da Misericórdia
PRIORIDADES DE AÇÃO	
<ul style="list-style-type: none">▪ Garantir a utilização racional e eficiente dos meios e recursos.	



ADMINISTRAÇÃO DE MEIOS E RECURSOS

- Assegurar as atividades de gestão administrativa e financeira inerentes à mobilização, requisição e utilização dos meios e recursos necessários à intervenção.
- Supervisionar negociações contratuais.
- Gerir e controlar os tempos de utilização de recursos e equipamentos.
- Gerir os processos de seguros.

INSTRUÇÕES ESPECÍFICAS

GESTÃO DE MEIOS

1. Os meios e recursos pertencentes aos agentes de proteção civil e aos organismos e entidades de apoio serão colocados à disposição dos Postos de Comando Operacional e CMPC, que os afetarão de acordo com as necessidades verificadas.
2. Deverá ser dada preferência à utilização de meios e recursos públicos (ou detidos por entidades com as quais tenha sido celebrado protocolo de utilização) sobre a utilização de meios e recursos privados.
3. Os pedidos de reforço de meios só são considerados válidos quando apresentados pelo Comandante de Operações de Socorro, Comandante Operacional Municipal², ou elemento representante das várias entidades que integram a CMPC.
4. Todos os meios adicionais que as entidades intervenientes necessitem pedir deverão ser requisitados à CMPC, através de modelo próprio presente na Secção III - Parte IV.
5. Caso os meios solicitados não se encontrem disponíveis nas entidades que integram a CMPC caberá à CMCP (caso o Diretor do PMEPCCP assim o entenda), através da Divisão de Gestão Financeira, Patrimonial e do Desenvolvimento disponibilizar as verbas necessárias para a aquisição dos meios necessários.
6. O SMPC, apoiando-se na Divisão de Obras Municipais e Ambiente, controla os tempos despendidos pelas diferentes equipas de obras (pertencentes à CMCP, públicas e privadas) nos vários locais de modo a garantir a maximização da sua eficácia e eficiência (a listagem completa de meios e contactos encontra-se na Secção III - Parte IV).

GESTÃO DE PESSOAL

1. A coordenação dos meios materiais e humanos a empenhar deverá ser realizada pelos Postos de Comando Operacional na sua área de intervenção e pela CMPC de acordo com a organização prevista na Secção I – Parte IV do PMEPCCP.

² À data de elaboração do PMEPCCP não se encontra ainda nomeado o Comandante Operacional Municipal, pelo que se define que assumirá interinamente as suas funções, em caso de ativação do PMEPCCP, o Comandante do Corpo de Bombeiros Voluntários de Castelo de Paiva.



ADMINISTRAÇÃO DE MEIOS E RECURSOS

2. A mobilização de pessoal pertencente a organismos ou entidades públicas rege-se de acordo com o previsto na Lei n.º 59/2008, de 11 de Setembro - Regime do Contrato de Trabalho em Funções Públicas (define como limites 2 horas extraordinárias por dia, 100 horas de trabalho extraordinário por ano) e pela Lei 64-B/2011, de 30 de Dezembro (define o novo quadro remuneratório do trabalho suplementar e elimina o direito a descanso compensatório, salvo nas situações em que seja necessário assegurar o período mínimo de descanso diário ou descanso semanal obrigatório; estas medidas vigorarão para a Administração Pública durante o Programa de Assistência Económica e Financeira).
3. No decurso das operações, os agentes de proteção civil e as entidades e organismos de apoio deverão acautelar os períodos de descanso e a rotatividade dos seus recursos humanos.

GESTÃO DE FINANÇAS

1. Cada entidade e organismo interveniente nas ações de emergência ficará responsável pela gestão financeira e de custos associados aos meios e recursos próprios empenhados.
2. No caso de ser necessário recorrer a meios privados, a gestão financeira associada à requisição dos mesmos será assegurada pela Câmara Municipal através da sua Divisão de Gestão Financeira, Patrimonial e do Desenvolvimento.
3. Os agentes de proteção civil e entidades de apoio empenhados nas ações de emergência, caso verifiquem a necessidade de aquisição/contratação de bens e serviços a entidades privadas e não disponham de recursos próprios para o fazer, deverão endereçar ao Diretor do PMEPCCP uma requisição para o efeito.
4. O SMPC, apoiando-se na Divisão de Obras Municipais e Ambiente, e articulando-se com o Diretor do PMEPCCP ficará responsável pela definição de meios e recursos necessários, negociações contratuais com entidades privadas, pela gestão dos processos de seguros e controlo e gestão dos tempos. Os contactos e meios mobilizáveis encontram-se organizados na Secção III – Parte IV.
5. O controlo e registo da utilização dos meios públicos e privados requisitados (localização dos mesmos e tempos de utilização) será assegurado pelo SMPC, o qual se apoia na Divisão de Obras Municipais e Ambiente.
6. Caso os agentes de proteção civil e organismos e entidades de apoio se confrontem com despesas excecionais, ou não possuam capacidade para reparar os seus equipamentos em tempo útil, poderão pedir apoio ao Diretor do Plano, o qual se apoia na Divisão de Gestão Financeira, Patrimonial e do Desenvolvimento e na Divisão de Obras Municipais e Ambiente de modo a serem disponibilizadas verbas e/ou meios oficiais para estes casos excecionais e pontuais (ver Ponto 1). A CMCP recorrerá a meios próprios ou, em último caso, se assim o entender, a estabelecimentos privados presentes no concelho.
7. O pessoal integrado nos serviços, agentes e entidades constantes deste Plano, mesmo que requisitados, continuam a ser remunerados pelos organismos de origem, não podendo ser prejudicados, de qualquer forma, nos seus direitos.



ADMINISTRAÇÃO DE MEIOS E RECURSOS

8. A declaração de situação de calamidade por parte do Governo permitirá à CMCP candidatar-se ao Fundo Municipal de Emergência como definido no Decreto-Lei n.º 225/2009, de 14 de Setembro, ou ainda, em articulação com a ANPC o Município pode recorrer à conta de emergência, de modo a apoiar a reconstrução e reparação de habitações, unidades de exploração económica e outras necessidades sociais prementes (o acesso a fundos disponibilizados pela conta de emergência titulada pela ANPC carece de despacho conjunto dos membros do Governo responsáveis pelas áreas das Finanças e da Administração Interna). A autarquia poderá ainda recorrer ao Fundo de Emergência Municipal gerido pela Direcção-Geral das Autarquias Locais.
9. Caso a magnitude dos danos assim o justifique, a CMCP poderá criar e gerir uma Conta de Apoio de Emergência a qual poderá receber donativos por parte de particulares e entidades privadas, ou sendo os mesmos utilizados para suportar os custos associados às ações de emergência e reabilitação.

BOLSA DE VOLUNTARIADO

1. O SMPC recorre a bolsa de voluntariado para apoiar as diferentes áreas de intervenção caso se verifique necessário
2. O pessoal voluntário, cuja colaboração seja aceite a título benévolo, deverá ser coordenado pelo SMPC (este deverá indicar o local onde os voluntários se deverão reunir, comunicar-lhes as suas missões e disponibilizar-lhes alimentação, sempre que seja necessário).
3. O SMPC mantém atualizada a lista de voluntários disponíveis e empenhados nas ações de emergência
4. O SMPC mantém a CMPC informada sobre as atividades desenvolvidas pelos voluntários.



2. LOGÍSTICA

A coordenação, receção e tratamento da informação relativa às necessidades logísticas existentes numa emergência, diferencia-se em apoio prestado às forças de intervenção e em apoio prestado à população. No que respeita ao apoio logístico a prestar às forças de intervenção em caso de emergência, importa salientar as diferentes necessidades logísticas essenciais para a prossecução das missões a decorrer no terreno por forma ao restabelecimento, o mais rapidamente possível, das condições normais de vida. Neste sentido, indica-se na Tabela 3 as entidades responsáveis pela coordenação do apoio logístico às forças de intervenção, as entidades intervenientes, as prioridades de ação e os procedimentos e instruções de coordenação.

Sempre que se verifique a necessidade de solicitar **outro tipo de artigos para além dos previstos no PMEPCCP (disponibilizados pelos elementos que integram a CMPC) ou indisponíveis no concelho**, estes poderão ser requisitados à CMCP (através do Presidente da Câmara Municipal – Diretor do PMEPCCP), indicando no entanto a sua necessidade para a prossecução das atividades de proteção civil em curso. O SMPC e a Divisão de Obras Municipais e Ambiente estabelecerão os procedimentos e normas de mobilização e transporte dos meios e recursos necessários, cooperando e articulando-se com os vários agentes de proteção civil e organismos e entidades intervenientes. Conforme indicado no Ponto 1, **será dada preferência à utilização de meios e recursos públicos, sobre os privados**.

No que se refere ao apoio logístico a prestar à população competirá à CMCP assegurar a disponibilização dos meios e bens essenciais, bem como, em caso de necessidade, os alojamentos temporários para a população deslocada, recorrendo ao auxílio de entidades de apoio.

Em caso de evacuação será necessário disponibilizar **transportes** para que a população possa ser deslocada para locais mais seguros ou Zonas de Concentração Local. Os procedimentos coordenação da movimentação da população encontram-se descritos nos procedimentos de evacuação (ver Ponto 5). **Durante a fase de reabilitação, poderá ser útil recorrer à bolsa de voluntariado para promover ações de obtenção de donativos para apoio à população**.

Na Tabela 4 indicam-se as entidades responsáveis pela coordenação do apoio logístico às populações, as entidades intervenientes, as prioridades de ação e os procedimentos e instruções de coordenação.

No Ponto 1, da Secção III - Parte IV apresenta-se uma listagem completa de meios e recursos dos organismos e entidades de apoio a que se poderá recorrer para adquirir os recursos ou serviços de apoio às populações e forças de intervenção.



2.1 Apoio logístico às forças de intervenção

Tabela 3. Procedimentos de apoio logístico às forças de intervenção

APOIO LOGÍSTICO ÀS FORÇAS DE INTERVENÇÃO	
ENTIDADE COORDENADORA	<p>Responsável - CMPC</p> <p>Substituto – as entidades que compõem a CMPC serão sempre responsáveis pela coordenação dos meios logísticos, podendo em caso de necessidade pedir apoio a entidades externas</p>
ENTIDADES INTERVENIENTES	ENTIDADES DE APOIO EVENTUAL
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Câmara Municipal de Castelo de Paiva - SMPC e Departamento de Obras e Ambiente ▪ Corpo de Bombeiros Voluntários de Castelo de Paiva 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Juntas de Freguesia ▪ Águas do Douro e Paiva (identificar a empresa responsável) ▪ Corpo Nacional de Escutas - Agrupamento 1258 ▪ Cruz Vermelha Portuguesa – Delegação de Castelo de Paiva ▪ Conferência Vicentina ▪ EDP ▪ REN ▪ CDOS de Aveiro ▪ Empresas com maquinaria ▪ Empresas de venda de combustíveis ▪ Empresas de bens de primeira necessidade ▪ Empresas de construção civil ▪ Estradas de Portugal ▪ Santa Cada da Misericórdia ▪ Forças Armadas ▪ IPSS que atuam no concelho



APOIO LOGÍSTICO ÀS FORÇAS DE INTERVENÇÃO

- Operadoras de telecomunicações (rede fixa e móvel)
- Restaurantes

PRIORIDADES DE AÇÃO

- Assegurar as necessidades logísticas das forças de intervenção, nomeadamente quanto a alimentação, distribuição de água potável, combustíveis, transportes, material sanitário, e outros artigos essenciais à prossecução das missões de socorro, salvamento e assistência.
- Garantir o contacto com entidades que comercializem bens de primeira necessidade e a entrega de bens e mercadorias necessárias.
- Prever a confeção e distribuição de alimentação ao pessoal envolvido em ações de socorro.
- Organizar a instalação e montagem de cozinhas e refeitórios de campanha para assistência à emergência.

INSTRUÇÕES ESPECÍFICAS

ALIMENTAÇÃO, ÁGUA POTÁVEL E ALOJAMENTO

1. Numa primeira fase, em que no Teatro de Operações se encontrem apenas equipas do CBVCP, caberá à Célula de Logística do Posto de Comando Operacional providenciar o apoio logístico às várias equipas que se encontrem no terreno.
2. Nas primeiras 24 horas a satisfação das necessidades logísticas iniciais do pessoal envolvido nas operações estará a cargo das entidades a que pertencem (os próprios agentes de proteção civil e organismos e entidades de apoio).
3. Após as primeiras 24 horas (e após a ativação do PMEPCCP), o SMPC deverá providenciar à Célula de Logística do Posto de Comando Operacional todo o apoio solicitado. Nesta fase as despesas relativas ao apoio logístico no(s) teatro(s) de operações serão suportadas pela CMCP.
A CMCP Recorrerá aos vários serviços da Câmara Municipal para providenciar o necessário apoio logístico.
4. Caso os serviços da CMCP requeiram apoio nas ações de apoio logístico aos agentes de proteção civil e entidades de apoio, poderão apoiar-se na Conferência Vicentina e restantes IPSS do concelho e na bolsa de voluntariado.
5. A alimentação dos elementos que integram a CMPC será responsabilidade das respetivas entidades a que pertencem. Em situações de manifesta necessidade, e caso o Presidente da Câmara Municipal de Castelo de Paiva assim o entenda, a alimentação poderá ser assegurada pela CMCP.
6. As cantinas de instalações públicas deverão ser consideradas como principais infraestruturas de apoio. Em caso de necessidade deverá recorrer-se a empresas de *catering* e a restaurantes do concelho.



APOIO LOGÍSTICO ÀS FORÇAS DE INTERVENÇÃO

COMBUSTÍVEIS E LUBRIFICANTES

1. Os agentes de proteção civil e os organismos e entidades de apoio ficarão responsáveis pelo abastecimento das suas viaturas e equipamentos, no que respeita a combustíveis e lubrificantes.
2. Os combustíveis e lubrificantes deverão ser adquiridos nos postos de combustível existentes no concelho e superfícies comerciais (consultar listagem de meios presente na Secção III - Parte IV).
3. A CMCP poderá auxiliar os agentes de proteção civil e os organismos e entidades de apoio na obtenção de combustíveis e lubrificante em situações pontuais, recorrendo para tal a meios próprios e aos estabelecimentos privados presentes no concelho.
4. Deverá ser solicitado aos responsáveis por postos de abastecimento de combustíveis para terem reservas afetas apenas a agentes de proteção civil e entidades de apoio (ou seja, a disponibilidade de combustíveis para viaturas e máquinas afetas a ações de socorro deverá sobrepor-se à disponibilidade para a população em geral).

MANUTENÇÃO E REPARAÇÃO DE MATERIAL

1. Os agentes de proteção civil e os organismos e entidades de apoio ficarão responsáveis pela reparação das suas viaturas e equipamentos.
2. Os agentes de proteção civil e os organismos e entidades de apoio, caso verifiquem não conseguir reparar através de meios próprios os seus equipamentos, e caso estes sejam essenciais para as ações de socorro a desenvolver, poderão pedir auxílio à CMCP para que esta acione meios que permitam a sua reparação.
3. A reparação das infraestruturas básicas essenciais para a atividade dos agentes de proteção civil e organismos e entidades de apoio será responsabilidade das entidades responsáveis pelas mesmas (EDP, operadoras de comunicações, etc.). No entanto, em situações extraordinárias, e caso tal se revele crítico para o sucesso das operações de emergência, a reparação de infraestruturas básicas poderão ser realizadas pelos serviços técnicos da CMCP ou por entidades privadas contratadas por esta.

INSTALAÇÕES SANITÁRIAS

1. A disponibilização de instalações sanitárias ficará a cargo dos agentes de proteção civil, entidades e organismos de apoio.
2. As entidades que compõem a CMPC deverão disponibilizar locais próximos do teatro de operações, equipados com instalações sanitárias, como são exemplo os edifícios pertencentes à administração pública.
3. Em caso de necessidade de material sanitário adicional, deverá ser requisitado à CMPC sanitários portáteis.

MAQUINARIA E EQUIPAMENTOS

1. O(s) COS requisita(m) à CMCP os meios considerados necessários (maquinaria para remoção de escombros, estabilizações/demolições de emergência, geradores elétricos, iluminação exterior, etc.).



APOIO LOGÍSTICO ÀS FORÇAS DE INTERVENÇÃO

2. Caso os meios solicitados pelo COS não se encontrem disponíveis nas entidades que compõem a CMPC, a CMCP procederá à sua mobilização recorrendo aos meios públicos e privados definidos na Secção III da Parte IV do PMEPCCP e às várias entidades de apoio previstas para esta área de intervenção.
3. A CMCP apoia-se no SMPC e nos serviços técnicos para proceder aos contactos a estabelecer com as empresas e outras entidades que possuam equipamentos úteis para fazer frente às situações de acidente grave ou catástrofe. Estes serviços municipais ficarão ainda responsáveis por coordenar estes meios e proceder ao seu transporte caso se verifique necessário.

SERVIÇOS TÉCNICOS

1. Os serviços técnicos da CMCP (Divisão de Obras Municipais e Ambiente e Divisão de Planeamento Urbanismo e Habitação) indicam se será necessário recorrer a serviços técnicos externos à CMCP, ficando o pagamento destes serviços a cargo da CMCP recorrendo a meios próprios (ver Ponto 1).
2. Os serviços técnicos da CMCP (Divisão de Obras Municipais e Ambiente), em articulação com o Diretor do PMEPCCP, ficarão responsáveis por contactar as entidades públicas e privadas que poderão prestar apoio na definição das estratégias de intervenção a operacionalizar.
3. Na fase de reabilitação caberá ainda aos serviços técnicos da Câmara Municipal apresentar estratégias de ação de modo a reativar os serviços essenciais do concelho (água, eletricidade, saneamento, etc.; ver Parte II do PMEPCCP).

MATERIAL DE MORTUÁRIA

1. A Autoridade de Saúde do município poderá requisitar, caso se verifique necessário, materiais e equipamentos ao Diretor do PMEPCCP.

ALOJAMENTO

1. O alojamento do pessoal empenhado nas operações de emergência ficará a cargo das entidades a que pertencem.
2. Em caso de necessidade as entidades envolvidas nas ações de emergência deverão requisitar auxílio à CMPC, a qual deverá recorrer de preferência a instalações públicas para alojar temporariamente o pessoal empenhado ou, em alternativa, às instalações dos Empreendimentos turísticos presentes no concelho que não tenham sido afetadas de forma crítica pelo evento.

SECTORIZAÇÃO DO TEATRO DE OPERAÇÕES

1. Zona de Apoio - é uma zona adjacente à Zona de sinistro, de acesso condicionado, onde se concentram os meios de apoio e logísticos estritamente necessários ao suporte dos meios de intervenção ou onde estacionam meios de intervenção para resposta imediata. Deverá localizar-se em área com facilidade no controlo de acessos, mas que o acesso por parte dos intervenientes seja facilitado à zona de sinistro.



APOIO LOGÍSTICO ÀS FORÇAS DE INTERVENÇÃO

2. Zona de Concentração e Reserva – é uma zona do Teatro de Operações onde se localizam temporariamente meios e recursos disponíveis sem missão imediata, onde se mantém um sistema de apoio logístico e assistência pré-hospitalar e onde têm lugar as concentrações e trocas de recursos pedidos pelo posto de comando operacional. Deverá localizar-se numa área próxima da Zona de Apoio, ser ampla e, preferencialmente, com acesso à rede de abastecimento de água e a instalações sanitárias.

Esta zona só é definível aquando da ocorrência em concreto, uma vez que deverá localizar-se na proximidade do Teatro de Operações (onde ocorreu de facto o acidente). No entanto, para efeitos de referência **encontram-se definidas no PMEPCCP duas áreas que poderão ser utilizadas para este fim em caso de acidente grave ou catástrofe: uma em Sobrado (parque de estacionamento da Feira) e outra na proximidade do campo de futebol de São Martinho** (ver Mapa 42 da Secção II – Parte IV). Caso o COS assim o entenda, e se tal mostrar ser útil para as ações de socorro, poderão ser definidas outras ZCR.



2.2 Apoio logístico às populações

Tabela 4. Procedimentos de apoio logístico às populações

APOIO LOGÍSTICO ÀS POPULAÇÕES	
ENTIDADE COORDENADORA	Responsável - Centro Distrital de Aveiro do Instituto de Solidariedade Social, IP Substituto - CMCP
ENTIDADES INTERVENIENTES	ENTIDADES DE APOIO EVENTUAL
<ul style="list-style-type: none">▪ Câmara Municipal de Castelo de Paiva (SMPC, Divisão de Obras Municipais e Ambiente, Gabinete de Relações Públicas e Imprensa e Secção de Ação Social e Educação)	<ul style="list-style-type: none">▪ Agrupamento Vertical de Escolas de Castelo de Paiva e Agrupamento de Escolas de Couto Mineiro do Pejão
<ul style="list-style-type: none">▪ Juntas de Freguesia	<ul style="list-style-type: none">▪ Centro de Saúde de Castelo de Paiva
<ul style="list-style-type: none">▪ GNR	<ul style="list-style-type: none">▪ Sapadores Florestais - Equipa SF-32-115 (Associação Florestal do Vale do Sousa)
<ul style="list-style-type: none">▪ Serviço Local de Segurança Social, I.P. – Centro Distrital de Aveiro	<ul style="list-style-type: none">▪ Corpo Nacional de Escutas - Agrupamento 1258
<ul style="list-style-type: none">▪ Autoridade de Saúde do município	<ul style="list-style-type: none">▪ Cruz Vermelha Portuguesa – Delegação de Castelo de Paiva
<ul style="list-style-type: none">▪ Autoridade Marítima	<ul style="list-style-type: none">▪ Conferência Vicentina
	<ul style="list-style-type: none">▪ Empreendimentos turísticos
	<ul style="list-style-type: none">▪ Empresas com maquinaria
	<ul style="list-style-type: none">▪ Empresas de bens de primeira necessidade
	<ul style="list-style-type: none">▪ Farmácias
	<ul style="list-style-type: none">▪ Forças Armadas
	<ul style="list-style-type: none">▪ IPSS que atuam no concelho
	<ul style="list-style-type: none">▪ Restaurantes
	<ul style="list-style-type: none">▪ CDOS de Aveiro
	<ul style="list-style-type: none">▪ Santa Cada da Misericórdia
	<ul style="list-style-type: none">▪ Corpo de Bombeiros Voluntários de Castelo de Paiva



APOIO LOGÍSTICO ÀS POPULAÇÕES

PRIORIDADES DE AÇÃO

- Assegurar a ativação de Zonas de Concentração Local (ZCL) e de abrigos temporários da população deslocada e informar as forças de socorro e os cidadãos da sua localização através dos canais disponíveis e mais apropriados.
- Garantir a segurança das ZCL e dos abrigos temporários da população deslocada.
- Assegurar as necessidades logísticas da população deslocada, nomeadamente quanto a alimentação, distribuição de água potável, agasalhos, transporte, material sanitário, e outros artigos essenciais ao seu bem-estar.
- Garantir o contacto com entidades que comercializem alimentos confeccionados, bens de primeira necessidade e assegurar a entrega dos bens e mercadorias necessárias nas zonas de concentração local (locais onde para onde se deslocou temporariamente a população residente nos locais mais afetados).
- Garantir o registo de todas as pessoas que se encontram nas Zonas de Concentração Local e nos abrigos temporários.
- Organizar a instalação e montagem de cozinhas e refeitórios de campanha para assistência à emergência.

INSTRUÇÕES ESPECÍFICAS

ZONAS DE CONCENTRAÇÃO LOCAL E ABRIGOS TEMPORÁRIOS (identificadas na Tabela 8 – página 40 e no Mapa 42)

1. Os locais de acolhimento da população deslocada (Zonas de Concentração Local) e os abrigos temporários (locais seguros onde a população poderá aguardar até ser deslocada para suas casas ou ZCL) ativados pela CMPC constituem os locais onde se procede ao apoio da população afetada.
2. A GNR garante a segurança da população presente nas zonas de concentração local (ZCL) ou nos abrigos temporários.
3. A operacionalização das ZCL é responsabilidade da CMCP (através do SMPC e da Secção de Ação Social e Educação) e do Instituto de Segurança Social, os quais recorrem a entidades de apoio (Conferência Vicentina, IPSS do concelho, Juntas de Freguesia, Delegação da Cruz Vermelha Portuguesa de Castelo de Paiva, etc.).
4. Os locais de acolhimento da população deslocada (Zonas de Concentração Local) deverão apresentar todas as condições mínimas de apoio (balneários, instalações sanitárias e locais amplos para a distribuição de colchões), bons acessos e estacionamento. Deverá ainda procurar-se garantir a existência de equipamentos que garantam a climatização do espaço.
5. Para além da utilização de instalações sob administração pública (por exemplo pavilhões desportivos) e de empreendimentos turísticos poderá recorrer-se à montagem de tendas de campanha, recorrendo-se para tal às Forças Armadas.



APOIO LOGÍSTICO ÀS POPULAÇÕES

6. Ter como limite máximo 100 pessoas por Zona de Concentração Local (recomendações surgidas após análise dos procedimentos adotados no sismo de Áquila em 2009, onde os campos contendo mais de 150 pessoas se tornaram de difícil gestão).
7. Garantir o fornecimento de eletricidade à Zona de Concentração Local, recorrendo em caso de necessidade a geradores disponibilizados pelos agentes de proteção civil e CMPC.
8. A CMPC define para cada Zona de Concentração Local o elemento que fica responsável por coordenar as várias atividades necessárias. Este elemento deverá encontrar-se em permanente ligação com a CMPC (ver Procedimentos de Evacuação).
9. A primeira ação a desenvolver sempre que alguém dê entrada numa ZCL ou num abrigo temporário é o seu registo, o qual deverá ser efetuado recorrendo ao modelo de registo de deslocados presente na Secção III - Parte IV do PMEPCCP. Esta informação deverá ser disponibilizada à Autoridade de Saúde do Município (uma vez que esta tem como uma das suas missões organizar o registo de deslocados feridos e mortos).
10. Os elementos responsáveis por cada uma das Zonas de Concentração Local (ZCL) mantêm um registo atualizado das pessoas que se encontram na ZCL.
11. As entidades envolvidas na operacionalização de cada ZCL asseguram a receção, atendimento e encaminhamento da população deslocada (que tenha chegado a uma ZCL ou a um abrigo temporário por meios próprios ou através de meios disponibilizados pela CMPC).
12. O Gabinete de Relações Públicas e Imprensa coordena-se com o SMPC e com os elementos responsáveis pelas ZCL e abrigos temporários, de modo a ter acesso à lista de pessoas presentes naqueles locais.
13. O Gabinete de Relações Públicas e Imprensa gere uma linha de apoio ao munícipe, prestando informação de natureza diversa (localização da população deslocada, informação sobre o decorrer das operações de emergência, onde a população se deverá dirigir para pedir apoio, procedimentos a adotar, locais de entrega de donativos não monetários, etc.).
14. A CMPC avalia a necessidade de ativar um local de armazenamento temporário de bens de primeira necessidade a distribuir pela população necessitada (em Zonas de Concentração Local e/ou em zonas afetadas).
15. A CMPC, através do SMPC, deverá ponderar a utilidade de recorrer a bolsa de voluntariado para recolha de dádivas (bens alimentares, de higiene, vestuário e agasalhos). A bolsa de voluntariado poderá ainda auxiliar nas várias tarefas associadas à atividade das ZCL e executar ações de estafeta (transporte de bens, pessoas e comunicados).
16. Deverão ser constituídos locais de receção de donativos (meios de apoio à população e donativos monetários, estes últimos deverão ser tratados de acordo com o definido no Ponto 1). Os donativos deverão ser posteriormente distribuídos pelas ZCL e pelos abrigos temporários (poderá recorrer-se a elementos da bolsa de voluntariado para esta tarefa). Esta tarefa caberá à CMPC em articulação com o Centro Distrital de Aveiro do Instituto de Solidariedade Social, IP, devendo recorrer-se às entidades de apoio previstas nesta Tabela.



APOIO LOGÍSTICO ÀS POPULAÇÕES

1. A satisfação das necessidades de alimentação e água potável da população deslocada ficará a cargo da CMCP em articulação com o Centro Distrital de Aveiro do Instituto de Solidariedade Social, IP.
2. A distribuição de água potável pela população do concelho que não tem acesso à água da rede pública deverá ser efetuada recorrendo a camiões cisterna dos corpos de bombeiros e aos depósitos de água existentes na área do concelho. Poderá ainda recorrer-se à distribuição de água engarrafada, ficando as despesas desta operação a cargo da Câmara Municipal (Ver Ponto 1).
3. A distribuição de alimentos e água potável ao pessoal envolvido nas ações de acolhimento da população deslocada ficará a cargo da Câmara Municipal. No entanto, sempre que possível, os organismos e entidades de apoio, caso possam recorrer a meios próprios, deverão fazê-lo de modo a não sobrecarregar a organização logística de emergência.
4. Deverão ser consideradas como principais infraestruturas de apoio as cantinas de instalações públicas. Em caso de necessidade deverá recorrer-se a empresas de *catering* e a restaurantes do concelho.
5. Caberá à Autoridade de Saúde do município garantir a qualidade da água e alimentos a distribuir nas zonas de concentração local.

AGASALHOS

1. A distribuição de agasalhos pela população deslocada será responsabilidade da Câmara Municipal Castelo de Paiva em articulação com o Serviço Local do Instituto de Segurança Social, IP.
2. A CMCP deverá, numa primeira fase, avaliar a disponibilidade de distribuição de agasalhos por parte de IPSS, Instituto de Segurança Social – Centro Distrital de Aveiro e Cruz Vermelha Portuguesa (Delegação de Castelo de Paiva). Caso recorrendo a meios próprios e a entidades e organismos de apoio não se consiga obter o número de agasalhos suficientes para satisfazer as necessidades da população deslocada deverá recorrer-se a entidades privadas, sendo as despesas suportadas pela Câmara Municipal de Castelo de Paiva, de acordo com o previsto no Ponto 1.

TRANSPORTES

1. O Transporte da população para as ZCL e para os abrigos temporários será responsabilidade da CMPC, a qual deverá recorrer aos meios próprios da CMCP e dos agentes de proteção civil.
2. Caso mostre ser necessário, a CMPC deverá recorrer ao aluguer de viaturas privadas para garantir o transporte da população afetada para as Zonas de Concentração Local e para os abrigos temporários.

MATERIAL SANITÁRIO

1. A distribuição de material sanitário pela população deslocada ficará a cargo da CMCP em articulação com o Centro Distrital de Aveiro do Instituto de Solidariedade Social, IP, procurando ainda recorrer a entidades de apoio para esta tarefa.
2. A CMCP deverá recorrer numa primeira fase aos meios disponíveis na Câmara Municipal e aos fornecedores desta para este tipo de bem.



APOIO LOGÍSTICO ÀS POPULAÇÕES

3. Em caso de necessidade a CMCP deverá recorrer a superfícies comerciais para se abastecer neste tipo de bem, ficando a responsável por suportar os custos associados (ver Ponto 1).

4. Em caso de necessidade de instalações sanitárias adicionais, a CMPC deverá recorrer a sanitários portáteis.

BOLSA DE VOLUNTARIADO

1. A CMPC avalia a necessidade de se ativar a bolsa de voluntariado de modo a se recolher bens de primeira necessidade (em armazéns, instalações comerciais ou provenientes de doação) e distribuí-los pelas Zonas de Concentração Local (acolhimento da população deslocada).



3. COMUNICAÇÕES

É fundamental nas fases de pré-emergência ou emergência ter uma ideia concreta da situação real vivida no terreno, de forma a se poder enviar rapidamente os meios e recursos necessários para o restabelecimento das normais condições de vida da população. Deste modo, torna-se necessário proceder à inspeção dos locais afetados e transmitir rapidamente informações para a CMPC, de forma precisa, coerente e concisa, recorrendo para tal ao sistema de comunicações existente no concelho. A Figura 1 representa esquematicamente a organização das comunicações em caso de emergência.

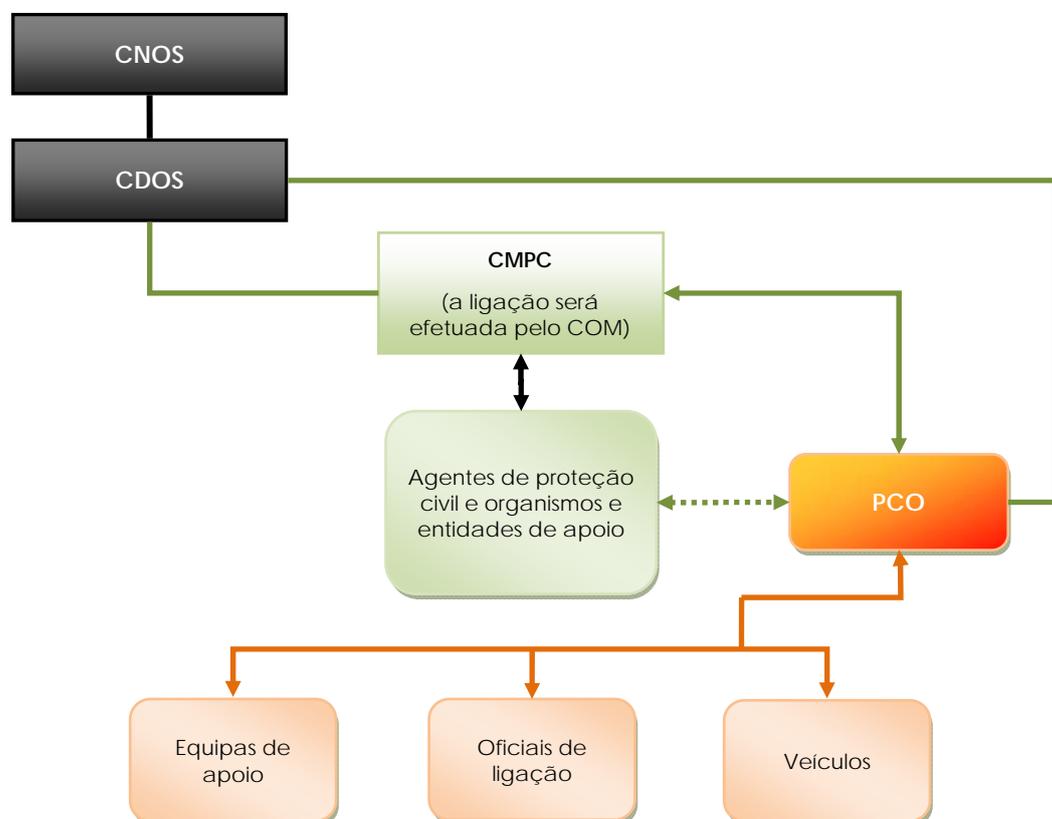
No teatro de operações competirá ao comandante das operações de socorro estabelecer o plano de comunicações e definir, em articulação com o CDOS, os canais de comando, táticos e de manobra. Cada teatro de operações deverá ser considerado como um núcleo isolado, sendo que qualquer contacto rádio com e a partir do mesmo será feito em exclusivo através do Posto de Comando Operacional e pelo CDOS. O COS deverá ainda ter sempre em conta as normas técnicas para a utilização da **Rede Estratégica de Proteção Civil (REPC)**³, a qual permitirá a ligação com a CMPC (via SMPC), Agentes de Proteção Civil (APC) e organismos e entidades de apoio em situação de acidente grave ou catástrofe.

Já no teatro de operações em contexto de acidente fluvial, no espaço fluvial de jurisdição marítima e em articulação com o Plano de Salvamento Marítimo do Porto do Douro, o sistema de Comunicações de Emergência e Socorro baseia-se na rede VHF da Autoridade Marítima. Como sistema auxiliar poderá ser usada sob a coordenação da ANPC/CDOS-P, a rede do (SIRESP) em operações de proteção e socorro entre agenes de PC e para as operações de apoio.

Além da REPC encontra-se também disponível a **Rede Operacional dos Bombeiros (ROB)**⁴, em que o controlo é efetuado a partir do CDOS. De acordo com a ANPC (2009), a ROB divide-se em 4 conjuntos de canais: comando distrital; comando, táticos, e de manobra. Os primeiros operam no modo semi-duplex, e os restantes em simplex, com 3, 5 e 7 canais cada, respetivamente. Para além dos Corpos de Bombeiros, têm acesso à ROB em canal de manobra outras entidades, especificamente autorizadas pela ANPC, que possuam meios de combate a incêndios e estejam empenhadas em operações conjuntas com os Corpos de Bombeiros. As normas e procedimentos de exploração das redes de radiocomunicações de emergência da ANPC (REPC e ROB) encontram-se definidos nas respetivas Normas de Execução Permanente da ANPC, em vigor.

³ É uma rede VHF/FM, interligada por repetidores e links. Possui 43 canais em semi-duplex, correspondentes a outros tantos repetidores e é complementada por 18 canais em simplex (1 por distrito) para utilização local dos SMPC e APC, com exceção dos Corpos de Bombeiros, cuja utilização é restrita às bases, móveis e portáteis de comando (ANPC, 2009).

⁴ É uma rede VHF/FM em semi-duplex, constituída por repetidores e links com cobertura local (distrital).



© metacortex

Legenda:

CNOS – Comando Nacional de Operações de socorro; **CDOS** – Comando Distrital de Operações de Socorro; **CMPC** – Comissão Municipal de Proteção Civil; **PCO** – Posto de Comando Operacional.

..... Estas comunicações serão estabelecidas por iniciativa do PCO

Figura 1. Organização das comunicações em caso de emergência

Além da REPC e ROB existe o **Sistema Integrado de Redes de Emergência e Segurança de Portugal (SIRESP)**. O SIRESP é um sistema único de comunicações, baseado numa só infraestrutura de telecomunicações nacional, partilhado, que assegurará intercomunicação entre forças de segurança e emergência e, em caso de emergência, permitir a centralização do comando e da coordenação. Assim, futuramente as comunicações dos agentes de proteção civil do concelho de Castelo de Paiva estarão integradas neste sistema.

O sistema de comunicações previstas no PMEPCCP utiliza infraestruturas de telecomunicações públicas e privadas. As telecomunicações de uso público agrupam-se em rede do serviço telefónico fixo e móvel, rede do serviço de telefax e rede de correio eletrónico. As telecomunicações privadas são constituídas pela REPC, ROB, rede de radiocomunicações das forças de segurança, do INEM e das Forças Armadas.



Em caso de necessidade poderá ainda recorrer-se a mensagens escritas distribuídas através de serviços de estafetas (ver Figura 2).

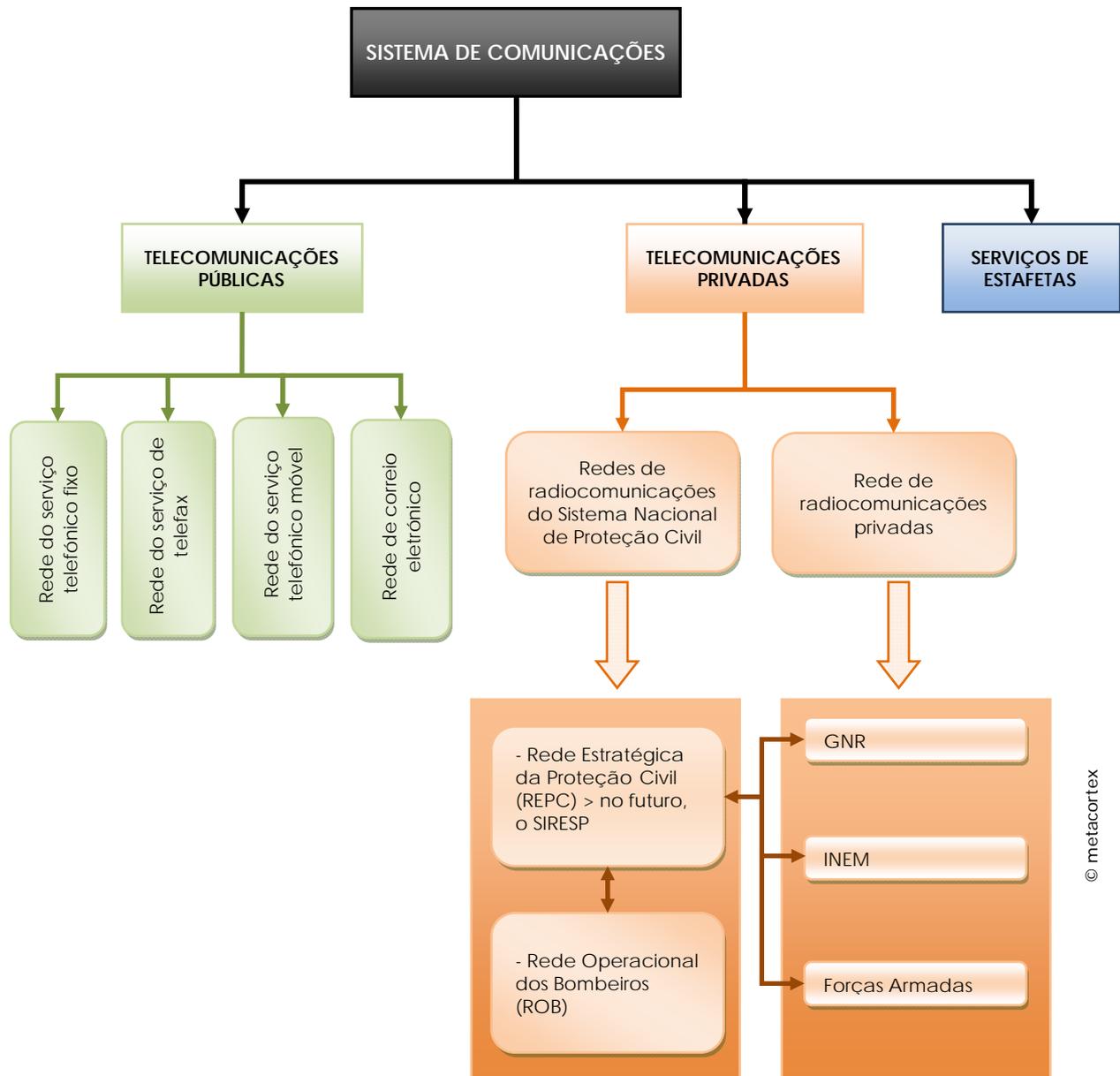


Figura 2. Organograma do sistema de comunicações do PMEPCCP

N.B.: Embora todas as redes de telecomunicações estejam interligadas (por estarem sediadas, ou não, em central de comunicações de um serviço ou agente de proteção civil e/ou em local de funcionamento da CMPC), elas não se encontram *linkadas* por equipamento, nem, tão pouco hierarquizadas entre si.



Na Tabela 5 identificam-se os procedimentos associados às comunicações, as entidades intervenientes, as prioridades de ação e os procedimentos e instruções de coordenação. No Ponto 11 da Secção III – Parte IV identificam-se, em pormenor, as frequências de rádio da REPC e da ROB para o distrito de Aveiro.

Tabela 5. Procedimentos relativos às comunicações

COMUNICAÇÕES	
ENTIDADE COORDENADORA	Responsável – Comandante de Operações de Socorro Substituto – Comandante Operacional Municipal ⁵
ENTIDADES INTERVENIENTES	ENTIDADES DE APOIO EVENTUAL
<ul style="list-style-type: none">▪ Câmara Municipal de Castelo de Paiva	<ul style="list-style-type: none">▪ Operadoras de telecomunicações (rede fixa e móvel)
<ul style="list-style-type: none">▪ Corpo de Bombeiros Voluntários de Castelo de Paiva	<ul style="list-style-type: none">▪ CDOS de Aveiro
<ul style="list-style-type: none">▪ GNR	<ul style="list-style-type: none">▪ Forças Armadas
<ul style="list-style-type: none">▪ INEM	
<ul style="list-style-type: none">▪ Autoridade Marítima	
PRIORIDADES DE AÇÃO	
<ul style="list-style-type: none">▪ Estabelecer um Plano de Comunicações que permita a troca de informação entre todas as entidades intervenientes e, conseqüentemente, o efetivo exercício das funções de comando, controlo e coordenação da operação.	
<ul style="list-style-type: none">▪ Auxiliar nas ações de operacionalização dos meios de comunicação.	
<ul style="list-style-type: none">▪ Mobilizar e coordenar as ações das associações de radioamadores.	
<ul style="list-style-type: none">▪ Manter um registo atualizado do estado das comunicações e dos constrangimentos existentes.	
INSTRUÇÕES ESPECÍFICAS	
<ol style="list-style-type: none">1. O sistema de comunicações tem por base os meios dos diferentes agentes de proteção civil, organismos e entidades de apoio, cabendo a cada um daqueles assegurar as comunicações entre os elementos que os constituem.	

⁵ À data de elaboração do PMEPCCP não se encontra ainda nomeado o Comandante Operacional Municipal, pelo que se define que assumirá interinamente as suas funções, em caso de ativação do PMEPCCP, o Comandante do Corpo de Bombeiros Voluntários de Castelo de Paiva.



COMUNICAÇÕES

2. Imediatamente após a ocorrência de acidente grave ou catástrofe, devem ser efetuados testes de comunicações em todos os sistemas e com todas as entidades intervenientes de modo a colocá-las por um lado imediatamente em estado de prontidão e, por outro, para avaliar constrangimentos.
3. Os elementos que se apresentem na CMPC estabelecerão contacto com as organizações a que pertencem por canais próprios ou através dos meios disponíveis nas instalações designadas para a reunião da CMPC (o local de reunião da CMPC encontra-se indicado no Ponto 1, da Parte II).
4. No local de reunião da CMPC deverá ser acautelada a presença de meios que garantam o fornecimento de energia aos equipamentos de comunicação em caso de falha na rede pública de distribuição de eletricidade (geradores elétricos e/ou UPS).
5. O CDOS e a CMPC encontram-se permanentemente em contacto entre si.
6. Compete ao Comandante das Operações de Socorro estabelecer o plano de comunicações para o teatro de operações tendo em conta a NEP n.º 8/NT/2010, de 10 de Dezembro. O Posto de Comando Operacional mantém-se em contacto permanente com a CMPC e CDOS. A ligação do Posto de Comando Operacional com a CMPC será feita via COM ou, em alternativa, via Presidente da CMCP.
7. Caso sejam constituídos vários teatros de operações (TO), os COS dos mesmos serão responsáveis pelas comunicações desses TO. Nestes casos, os COS direcionam a informação ao Posto de Comando Operacional, o qual se articula com o COM (elemento de ligação com a CMPC) e CDOS.
8. No Posto de Comando Operacional as ligações entre diferentes entidades (por exemplo entre os corpos de bombeiros e GNR) poderão ser garantidas através de oficiais de ligação (metodologia que permitirá mitigar as dificuldades de comunicação entre os sistemas privados de radiocomunicações das várias entidades).
9. As entidades com meios próprios deverão, caso se verifique útil, disponibilizar meios de comunicação portátil às entidades previstas no PMEPCCP que mostrem ter dificuldades ao nível das comunicações.
10. O fluxo de informação necessário à ação articulada das várias entidades intervenientes nas ações de socorro (fora dos TO) será assegurado pelos representantes presentes na CMPC.
11. No caso de se verificar a necessidade de se evacuarem locais e proceder ao realojamento da população afetada em abrigos temporários ou em Zonas de Concentração Local, as comunicações poderão ser efetuadas através do serviço telefónico (fixo e/ou móvel) ou, caso se considere ser mais útil ou aquelas infraestruturas se encontrem danificadas, recorrendo à rede das forças de segurança destacadas para esses locais (equipamento rádio móvel).
12. Os operadores das redes comerciais, fixa e móvel, deverão disponibilizar um relatório de situação onde conste eventuais áreas de cobertura afetada, níveis de saturação e tempos de reposição. Deverão ainda estar preparados para assegurar o restabelecimento e o reforço das comunicações telefónicas, garantir prioridades de acesso aos endereços correspondentes a serviços e entidades essenciais e colaborar na redução/eliminação do tráfego existente na(s) zona(s) de sinistro.
13. Os operadores das redes comerciais, fixa e móvel, caso necessitem de maquinaria de apoio para o rápido restabelecimento das infraestruturas afetadas consideradas críticas para as operações de socorro, deverão indicá-lo à CMPC de modo a que esta possa desencadear os necessários procedimentos para a mobilização dos mesmos.



COMUNICAÇÕES

14. Em situação de acidente grave ou catástrofe, onde se verifique o dano ou destruição de importantes infraestruturas de apoio às comunicações, correndo-se o risco da troca de informações entre os elementos constituintes da CMPC se processar deficientemente, comprometendo a indispensável cadeia de comando, dever-se-á recorrer a meios provenientes de entidades privadas, como sejam, radioamadores, rádios locais e/ou estabelecimentos comerciais especializados em equipamentos de comunicação, de forma a reforçar a rede existente ou substituindo as inoperacionais (consultar meios e contactos da Secção III -Parte IV).
15. O acesso à REPC por parte dos serviços municipais de proteção civil, agentes de proteção civil, organismos e entidades de apoio está regulado pela NEP n.º 8/NT/2010, de 10 de Dezembro, da ANPC.
16. Em caso de manifesta necessidade, a CMPC poderá recorrer a bolsa de voluntariado para serviço de estafeta, a utilizar como ligação.



4. GESTÃO DA INFORMAÇÃO

A gestão da informação compreende essencialmente dois níveis: a informação necessária para uma correta articulação entre os agentes de proteção civil e organismos e entidades de apoio, e a informação a divulgar à população. Toda a divulgação de informação tem como finalidade última possibilitar uma resposta mais adequada e eficaz em situações críticas e mitigar as consequências associadas a acidente grave ou catástrofe. A Figura 3 clarifica a articulação que será necessário garantir ao nível da gestão de informação.

A gestão de informação entre as entidades que se encontram no(s) teatro(s) de operações será da responsabilidade do Comandante das Operações de Socorro (COS), o qual se articulará localmente com os vários agentes de proteção civil a atuar no teatro de operações (TO), superiormente com o CDOS e a nível municipal com o COM⁶ e Presidente da Câmara Municipal (diretor do PMEPCCP). O COS apoiar-se-á na célula de Planeamento e Operações do Posto de Comando Operacional. Os dados a serem fornecidos ao COS deverão ser as solicitadas por este às entidades que entender necessárias.

No teatro de operações, em contexto de acidente fluvial de jurisdição marítima, a gestão da informação é articulada entre o COS e os vários agentes de proteção civil, ouvido o gabinete de Informações e Relações Públicas (GIRP) da Autoridade Marítima.

O Posto de Comando Operacional (coordenado pelo COS) deverá preparar relatórios imediatos e gerais de situação, sendo que deverá ser estabelecido entre este e a CMPC e/ou CDOS a periodicidade de entrega dos mesmos. Estes relatórios, dada a sua natureza, serão comunicados por via oral, podendo-se ainda recorrer ao envio de relatórios escritos utilizando o modelo indicado na Parte IV – Secção III.

A CMPC ficará responsável por apoiar o(s) COS nas ações a desenvolver no(s) TO e desencadear outras ações de emergência para apoio à população afetada, sendo essencial garantir a existência de procedimentos que permitam uma eficiente gestão da informação. Esta será garantida através de recolha e difusão de informação através de canais próprios. A CMPC deverá ainda, e de modo periódico, integrar os vários relatórios de situação divulgados pelos COS num único de modo a possuir uma perspetiva geral dos danos sofridos e meios empenhados (relatórios para controlo do evoluir da situação por parte da CMPC, podendo igualmente recorrer ao modelo da Parte IV – Secção III).

A CMPC poderá ainda recorrer a dados disponibilizados pelos vários serviços técnicos disponíveis na CMCP (informação sobre as infraestruturas do concelho, modelos de previsão como por exemplo de comportamento do fogo, dados meteorológicos, etc.). A partir desta informação, a CMPC, na fase de

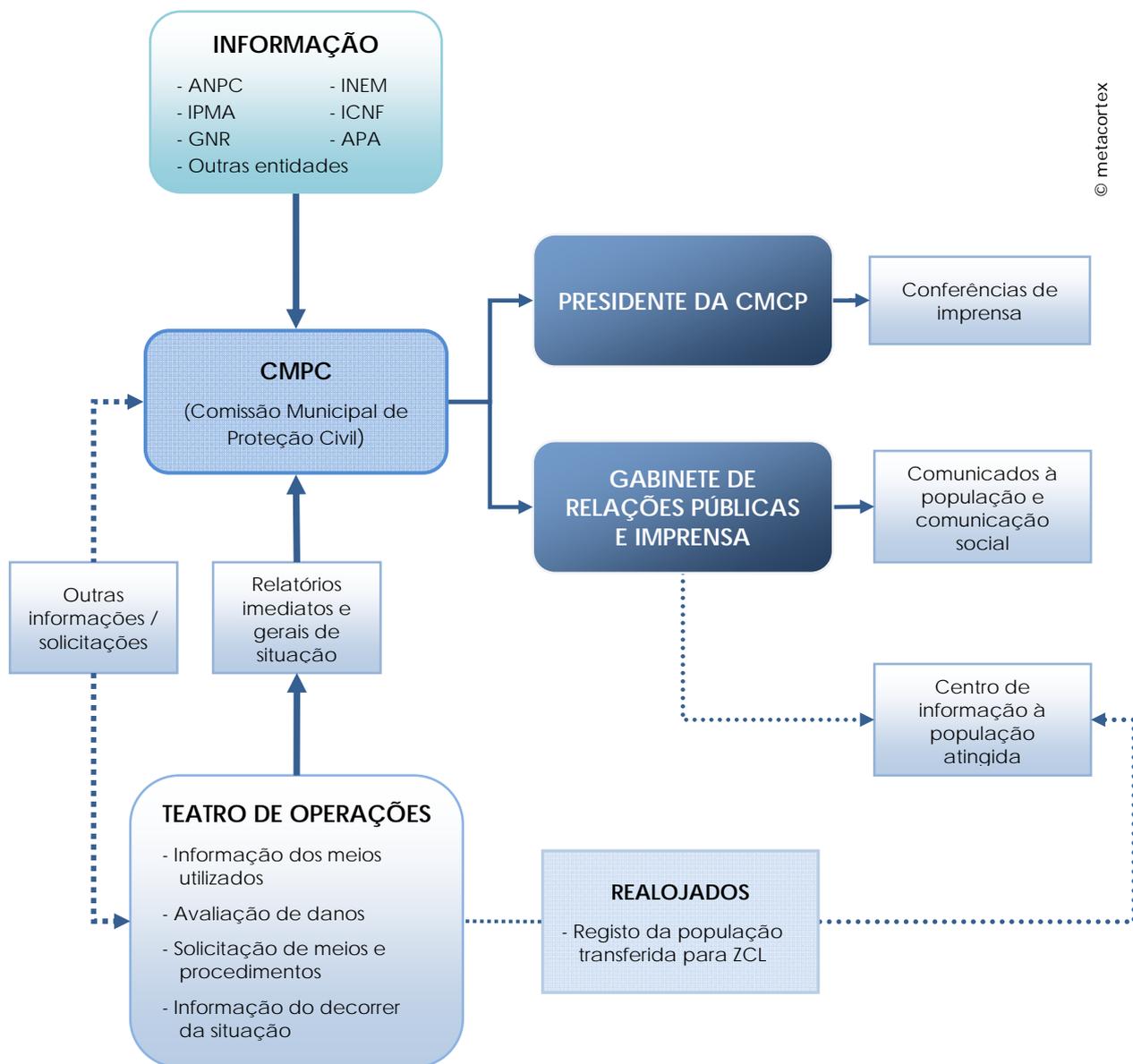
⁶ À data de elaboração do PMEPCCP não se encontra ainda nomeado o Comandante Operacional Municipal, pelo que se define que assumirá interinamente as suas funções, em caso de ativação do PMEPCCP, o Comandante do Corpo de Bombeiros Voluntários de Castelo de Paiva.



emergência ou pré-emergência, avalia os riscos associados à situação, os danos causados ou potenciais, acompanha a evolução da emergência e determina os meios e recursos a empenhar e operações a desencadear. A Tabela 6 identifica em concreto as ações que permitirão garantir uma correta gestão de informação entre os agentes de proteção civil e os organismos e entidades de apoio.



No que respeita à informação a disponibilizar à população, importa ter definido no PMEPCCP os procedimentos que garantirão uma correta informação à população, no que respeita ao decorrer das operações, localização da população deslocada, procedimentos de autoproteção a adotar e comportamentos de cooperação com os agentes de proteção civil a cumprir. O Gabinete de Relações Públicas e Imprensa (da CMCP) é o órgão responsável, nas fases de emergência ou pré-emergência, pela recolha e preparação, com periodicidade previamente determinada (pelo Presidente da Câmara Municipal), de avisos e comunicados a distribuir às populações e comunicação social, e pela organização de conferências de imprensa. Na Tabela 7 apresenta-se a organização e os procedimentos previstos para as ações de informação à população.



© metacortex

Figura 3. Organização da gestão de informação do PMEPCCP



4.1 Gestão da informação de apoio às operações

Tabela 6. Procedimentos para a gestão da informação de apoio às operações

GESTÃO DA INFORMAÇÃO DE APOIO ÀS OPERAÇÕES	
ENTIDADE COORDENADORA	Responsável – Diretor do PMEPCCP – Presidente da Câmara Municipal Substituto – Vice-Presidente da Câmara Municipal
ENTIDADES INTERVENIENTES	ENTIDADES DE APOIO EVENTUAL
<ul style="list-style-type: none">▪ Câmara Municipal de Castelo de Paiva	<ul style="list-style-type: none">▪ Centro Hospitalar de Entre Douro e Vouga, EPE (Hospital de S. Sebastião)
<ul style="list-style-type: none">▪ Corpo de Bombeiros Voluntários de Castelo de Paiva	<ul style="list-style-type: none">▪ Centro Hospitalar do Tâmega e Sousa, EPE (Hospital Padre Américo, Vale do Sousa)
<ul style="list-style-type: none">▪ GNR	<ul style="list-style-type: none">▪ Forças Armadas
<ul style="list-style-type: none">▪ Centro de Saúde de Castelo de Paiva	<ul style="list-style-type: none">▪ CDOS de Aveiro
<ul style="list-style-type: none">▪ INEM	<ul style="list-style-type: none">▪ Corpo Nacional de Escutas - Agrupamento 1258
<ul style="list-style-type: none">▪ Autoridade de Saúde do município	<ul style="list-style-type: none">▪ Cruz Vermelha Portuguesa – Delegação de Castelo de Paiva
<ul style="list-style-type: none">▪ Sapadores Florestais - Equipa SF-32-115 (Associação Florestal do Vale do Sousa)	<ul style="list-style-type: none">▪ Instituto Português do Mar e da Atmosfera
<ul style="list-style-type: none">▪ Juntas de freguesia	
<ul style="list-style-type: none">▪ Serviço Local de Segurança Social, I.P. – Centro Distrital de Aveiro	
<ul style="list-style-type: none">▪ Autoridade Marítima	
PRIORIDADES DE AÇÃO	
<ul style="list-style-type: none">▪ Recolher a informação necessária para os processos de tomada de decisão.	
<ul style="list-style-type: none">▪ Analisar possíveis cenários e resultados de modelos de previsão.	
<ul style="list-style-type: none">▪ Garantir a ação concertada dos agentes de proteção civil e organismos e entidades de apoio.	
<ul style="list-style-type: none">▪ Assegurar a notificação e passagem de informação diferenciada às autoridades políticas, CDOS, agentes de proteção civil e organismos e entidades de apoio.	



GESTÃO DA INFORMAÇÃO DE APOIO ÀS OPERAÇÕES

INSTRUÇÕES ESPECÍFICAS

1. O COS é o responsável pela gestão da informação no teatro das operações. Caber-lhe-á transmitir ao Posto de Comando Operacional os pontos de situação necessários e solicitar meios de reforço, caso tal se justifique.
2. Em cada Posto de Comando competirá à Célula de Planeamento e Operações articular e avaliar a informação externa e interna (por exemplo, número de vítimas, área afetada, infraestruturas em risco de colapso, estradas intransitáveis e alternativas, locais de evacuação médica primária, estimativa de número de pessoas afetadas e de deslocados, etc.). Para tal deverá comunicar quer com os agentes de proteção civil e organismos e entidades de apoio presentes no terreno, quer com a CMPC (através do COM⁷) e CDOS.
3. Cabe à Célula de Planeamento e Operações do Posto de Comando Operacional receber e processar toda a informação emanada dos escalões inferiores e do nível político, prestando aconselhamento nesta matéria ao responsável pelo Posto de Comando (COS).
4. Os Relatórios Imediatos de Situação poderão ser transmitidos ao Posto de Comando por via escrita ou, excecionalmente, por via oral, passados posteriormente a escritos no mais curto espaço de tempo possível. Poderá ser usado como modelo tipo previsto na Secção III - Parte IV do PMEPCCP para a atividade da CMPC.
5. Os relatórios gerais de situação serão da responsabilidade do COS, sendo que a sua periodicidade não deverá ser superior a 4 horas, salvo indicação expressa em contrário. Estes relatórios deverão ser disponibilizados à CMPC.
6. Os COS poderão solicitar a qualquer entidade interveniente relatórios de situação especial, destinados a esclarecer aspetos específicos associados às operações de emergência.
7. Os relatórios deverão, no mínimo, conter informação sobre o ponto de situação das operações em curso, forças empenhadas, vítimas humanas, danos em edifícios, vias de comunicação, redes e infraestruturas, avaliação de necessidade e perspetivas de evolução do acidente grave ou catástrofe.
8. A CMPC deverá integrar, periodicamente, os relatórios dos COS num relatório único, de modo a possuir uma perspetiva global dos danos sofridos e meios empenhados na área do concelho. Poderá, para tal, recorrer igualmente ao modelo tipo previsto na Secção III - Parte IV do PMEPCCP.
9. Sempre que se verificar a mudança de comando deverá ser realizado um *briefing* ao próximo Comandante e informar todos os agentes de proteção civil intervenientes nas operações de emergência relativamente à mudança de comando efetuada.
10. Os organismos e entidades de apoio que se encontrem envolvidos nas operações deverão enviar à CMPC, sempre que solicitado, pontos de situação escritos. Apenas em situações excecionais deverão ser enviados à CMPC pontos de situação por via oral, ficando o Gabinete de Apoio ao Presidente responsável por passar a escrito as informações enviadas.

⁷ À data de elaboração do PMEPCCP não se encontra ainda nomeado o Comandante Operacional Municipal, pelo que se define que assumirá interinamente as suas funções, em caso de ativação do PMEPCCP, o Comandante do Corpo de Bombeiros Voluntários de Castelo de Paiva.



GESTÃO DA INFORMAÇÃO DE APOIO ÀS OPERAÇÕES

11. A periodicidade mínima dos pontos de situação a enviar pelos organismos e entidades de apoio à CMPC deverá ser de 4 horas.
12. A CMPC reúne-se com uma periodicidade mínima de 4 horas para realização de briefings.
13. O SMPC e os serviços técnicos da CMCP são os responsáveis pela recolha e divulgação de informação necessária para os processos de tomada de decisão por parte da CMPC (por exemplo, estabilidade dos edifícios, localização de infraestruturas, dados meteorológicos, etc.).
14. As entidades de apoio eventual (Instituto Português do Mar e da Atmosfera, ICNF, APA, LNEC, INAC) disponibilizam informação de carácter técnico considerada útil pelo Diretor do PMEPCCP e COS no apoio à decisão, assim como, na gestão das operações de socorro.
15. As informações a disponibilizar aos agentes de proteção civil e organismos e entidades de apoio serão realizadas pelos elementos de ligação presentes na CMPC, ou em alternativa pelo COM ou SMPC.
16. A CMPC deverá solicitar e divulgar (através de informação disponibilizada pelo CDOS, agentes de proteção civil e entidades e organismos de apoio) informação relativa a estradas intransitáveis e alternativas, locais com infraestruturas em risco de colapso, locais com vítimas e locais onde se ativarão Zonas de Concentração Local, abrigos temporários e outras informações relevantes.
17. A CMPC deverá garantir a disponibilização de informação útil para as entidades que embora ainda não se encontrem a participar nas ações de emergência, se encontrem em estado de prontidão.
18. O COS e a CMPC mantêm ligação permanente com o CDOS, recorrendo aos meios de comunicações ao seu dispor (ver Ponto 3).



4.2 Gestão da informação pública

Tabela 7. Procedimentos para a gestão da informação pública

GESTÃO DA INFORMAÇÃO PÚBLICA	
ENTIDADE COORDENADORA	<p>Responsável - Diretor do Plano – Presidente da Câmara Municipal de Castelo de Paiva</p> <p>Substituto - Vice-Presidente da Câmara Municipal</p>
ENTIDADES INTERVENIENTES	ENTIDADES DE APOIO EVENTUAL
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Câmara Municipal de Castelo de Paiva 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Serviço Local do Instituto de Segurança Social, I.P. – Centro Distrital de Aveiro
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Juntas de freguesia 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ CDOS de Aveiro
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Corpo de Bombeiros Voluntários de Castelo de Paiva 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Forças Armadas
<ul style="list-style-type: none"> ▪ GNR 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Agência Portuguesa do Ambiente
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Centro de Saúde de Castelo de Paiva 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Instituto Português do Mar e da Atmosfera
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Autoridade de Saúde do município 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Órgãos de comunicação social
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Sapadores Florestais - Equipa SF-32-115 (Associação Florestal do Vale do Sousa) 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Corpo Nacional de Escutas - Agrupamento 1258
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Centro Hospitalar de Entre Douro e Vouga, EPE (Hospital de S. Sebastião) 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Párocos e representantes de outras religiões
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Centro Hospitalar do Tâmega e Sousa, EPE (Hospital Padre Américo, Vale do Sousa) 	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Autoridade Marítima 	
PRIORIDADES DE AÇÃO	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Assegurar que a população é mantida informada de forma contínua, de modo a que possa adotar as instruções das autoridades e as medidas de autoproteção mais convenientes. 	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Assegurar a divulgação à população da informação disponível, incluindo números de telefone de contacto (em particular, linhas da CMCP geridas pelo Gabinete de Relações Públicas e Imprensa), indicação de pontos de reunião ou centros de deslocados/assistência, listas de desaparecidos, mortos e feridos, locais de acesso interdito ou restrito e outras instruções consideradas necessárias. 	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Divulgar informação à população sobre locais de receção de donativos e locais para inscrição para serviço voluntário. 	



GESTÃO DA INFORMAÇÃO PÚBLICA

- Garantir a ligação com os órgãos de comunicação social e preparar, com periodicidade determinada (inferior a 24 h), comunicados a distribuir.
- Organizar, preparar e realizar conferências de imprensa por determinação do Diretor do Plano.
- Organizar visitas dos órgãos de comunicação social ao teatro de operações garantindo a sua receção e acompanhamento.
- Garantir a articulação entre as informações divulgadas pelo Diretor do PMEPCCP e pela ANPC (CDOS ou CNOS).

INSTRUÇÕES ESPECÍFICAS

1. O Diretor do PMEPCCP é o responsável pela definição dos conteúdos dos comunicados à comunicação social.
2. A ligação em permanência do Diretor do PMEPCCP com o CDOS garante a uniformização da informação a disponibilizar aos órgãos de comunicação social.
3. O Diretor do PMEPCCP apoia-se no Gabinete de Apoio à Presidência e no Gabinete de Relações Públicas e Imprensa da CMCP para preparação de conferências de imprensa, comunicados à comunicação social e na divulgação de informação à população através de meios próprios.
4. As **conferências de imprensa** deverão ser efetuadas pelo presidente da CMCP ou pelo Vice-Presidente, em sua representação. Em casos excecionais, poderá ser efetuado pelo COM⁸.
5. Os **comunicados** a distribuir pelos órgãos de informação deverão ter por base os modelos indicados na Secção III - Parte IV do PMEPCCP. A informação a disponibilizar deverá esclarecer a população sobre o evoluir da situação de acidente grave ou catástrofe e as ações que se estão a desenvolver para a resolução da mesma. Deverá ainda indicar-se os procedimentos de segurança, autoproteção e de ajuda às ações de socorro a serem seguidos pela população, bem como os locais de concentração local, números de telefone para a obtenção de informação, locais de receção de donativos e de inscrição para o serviço de voluntariado.
6. Os meios a utilizar para divulgação de informação serão os órgãos de comunicação social (rádios e imprensa escrita, em particular os identificados no ponto 7 da Parte I), página da Internet da CMCP (www.cm-castelo-paiva.pt) e linhas telefónicas da Câmara Municipal designadas para o efeito, viaturas equipadas com megafones e por via pessoal (agentes de proteção civil, SMPC, Juntas de Freguesia, entidades e organismos de apoio).
7. As forças de segurança que atuam no concelho (GNR) informam a população presente nas áreas sob sua jurisdição sobre os locais para onde se deverão deslocar, as áreas interditas e procedimentos a adotar para facilitar as ações de socorro e salvamento em curso.
8. A periodicidade das conferências de imprensa será definida pelo diretor do PMEPCCP, não devendo, contudo, ser superior a 24 horas.

⁸ À data de elaboração do PMEPCCP não se encontra ainda nomeado o Comandante Operacional Municipal, pelo que se define que assumirá interinamente as suas funções, em caso de ativação do PMEPCCP, o Comandante do Corpo de Bombeiros Voluntários de Castelo de Paiva.



GESTÃO DA INFORMAÇÃO PÚBLICA

9. As conferências de imprensa deverão ser realizadas no local da reunião da CMPC de modo a que o diretor do PMEPCCP não tenha que se deslocar propositadamente para o efeito.
10. Os comunicados a disponibilizar pelo Gabinete de Relações Públicas e Imprensa da CMCP aos órgãos de comunicação social deverão ir sempre assinados pelo Presidente da Câmara Municipal ou seu substituto.
11. A periodicidade dos comunicados será definida pelo Diretor do PMEPCCP, devendo ser igual ou superior a uma hora e inferior a quatro (mesmo que não se tenham verificado alterações relativamente ao evoluir da situação).
12. Cada elemento de ligação da CMPC (representante das várias entidades que integram a CMPC) deverá disponibilizar dados ao Gabinete de Relações Públicas e Imprensa da CMCP com uma periodicidade não superior a duas horas.
13. Para além de comunicados a distribuir pela comunicação social (rádios e imprensa escrita), a Câmara Municipal, através do Gabinete de Relações Públicas e Imprensa da CMCP, deverá **disponibilizar uma linha telefónica** para prestar esclarecimentos à população, e **colocar informação na sua página da Internet** (www.cm-castelo-paiva.pt) (informação útil à população e aos órgãos de comunicação social). Este serviço terá por finalidade informar se a pessoa procurada consta dos registos de população alojada em Zonas de Concentração Local e em abrigos temporários, e indicar as ações de autoproteção e de colaboração com os agentes de proteção civil a adotar.
14. O Gabinete de Relações Públicas e Imprensa da CMCP encontra-se em permanente ligação com a Autoridade de Saúde do município de modo a obter e centralizar toda a informação relativa à identificação e localização de feridos, promovendo os contactos entre familiares.
15. O Gabinete de Relações Públicas e Imprensa da CMCP encontra-se em permanente ligação com o(s) elemento(s) responsável(is) pela(s) Zona(s) de Concentração Local, de modo a compilar informação relativa à identificação das pessoas que foram deslocadas para aquelas instalações.
16. O SMPC apoia tecnicamente a ação do Gabinete de Relações Públicas e Imprensa da CMCP.
17. Na Secção III, da Parte IV identifica-se o tipo de informação de autoproteção e de apoio à emergência que deverá ser disponibilizada à população face a ocorrência dos diferentes riscos.
18. Os agentes de proteção civil que atuam no concelho poderão igualmente divulgar informação à população recorrendo aos meios próprios (megafones, por exemplo).
19. As entidades de apoio eventual (Instituto Português do Mar e da Atmosfera, ICNF, APA, LNEC, INAC) disponibilizam informação de carácter técnico considerada útil pelo Diretor do Plano na preparação de informação a divulgar à população.



5. PROCEDIMENTOS DE EVACUAÇÃO

A ocorrência de acidentes graves ou catástrofes pode levar à necessidade de se proceder à evacuação de zonas, o que, por sua vez, poderá implicar a mobilização, alojamento e realojamento de populações em risco. Nestas situações, compete ao(s) COS, avaliar(em) os riscos associados à ocorrência e determinar a necessidade de se desencadear os devidos procedimentos de evacuação. **A evacuação é proposta pelo comandante das operações de socorro, validada ou aprovada pela autoridade política de proteção civil, isto é, pelo Presidente da Câmara Municipal e coordenada pelas forças de segurança.**

Em caso de extrema necessidade o COS poderá desencadear as ações de evacuação comunicando posteriormente, e no mais curto espaço de tempo possível, a decisão tomada ao diretor do PMEPCCP de modo a este desencadear os necessários os procedimentos de realojamento (acionamento de transportes, de Zonas de Concentração Local e/ou de abrigos temporários). A nível operacional definem-se no PMEPCCP dois níveis de evacuação:

- a evacuação primária, que corresponde à retirada da população da zona em risco para um local de segurança nas imediações;
- a evacuação secundária, que compreende o deslocamento da população afetada do local de segurança para instalações de abrigo, onde poderão garantir as suas necessidades básicas (alimento, agasalho e instalações sanitárias).

Chama-se a atenção para o facto de poder acontecer que o local escolhido para a evacuação primária possuir condições para acolher a população por um período continuado, fazendo com que não seja necessária nova deslocação (evacuação secundária). O processo de evacuação deverá ser feito de forma ordeira de modo a impedir situações de pânico entre a população e garantir a rapidez e eficiência da operação.

No teatro de operações, em contexto de acidente fluvial no espaço fluvial de jurisdição marítima, o COS coordena a evacuação de sinistrados a partir do espelho de água, em articulação com o Plano de Salvamento Marítimo do Porto do Douro.

O concelho de Castelo de Paiva tem previstas **Zonas de Concentração Local (ZCL)**, que correspondem a locais de reunião e acolhimento das pessoas provenientes das zonas sinistradas, as quais coincidem, sempre que possível, com estruturas fixas bem conhecidas como campos de futebol, pavilhões gimnodesportivos, praças públicas entre outras. Nestas zonas deverá ser realizada a identificação da população deslocada, através do preenchimento de uma ficha de registo (ver Ponto 3, da Secção III da Parte IV).



Nos casos em que se verifique a utilidade de proceder a uma evacuação primária (à qual se seguirá uma secundária), a população a deslocar será acolhida em locais de abrigo temporário (sem características que permitam a permanência da população por mais de 24 h, como por exemplo Juntas de Freguesia ou largos de povoações), procedendo-se posteriormente a uma evacuação secundária para ZCL com melhores condições de acolhimento. No concelho de Castelo de Paiva as infraestruturas que poderão ser utilizadas como abrigos temporários (para um menor número de pessoas e por períodos tendencialmente inferiores a 24h) e como ZCL (para um número maior de pessoas) encontram-se identificadas na Tabela 8 e no Mapa 42 (Secção II – Parte IV).

Tabela 8. Zonas de concentração local e abrigos temporários para o concelho de Castelo de Paiva

LOCALIZAÇÃO	DESIGNAÇÃO	CAPACIDADE (N.º DE PESSOAS)		OBSERVAÇÕES
		ZONA DE CONCENTRAÇÃO LOCAL	ABRIGO TEMPORÁRIO	
Paraíso	Campo de Futebol do Pejão	450		Possui balneários
Pedorido	Campo de futebol de Pedorido	450		Possui balneários
Raiva	Pavilhão do Couto Mineiro	60	60	Possui balneários
	Pavilhão da Escola E.B. 23 do Couto Mineiro	50	50	Possui balneários
	Campo de Futebol de Oliveira do Arda	450		Possui balneários
Real	Parque desportivo de 29 de Junho (campo de futebol)	450		Possui balneários
São Martinho de Sardoura	Pavilhão de Desportos	50	50	Possui balneários
Santa Maria de Sardoura	Pavilhão de Desportos da Cruz da Carreira	50	50	Possui balneários
	Campo de Futebol de S.ta Maria de Sardoura	450		Possui balneários
Sobrado	Pavilhão Municipal	60	60	Possui balneários
	Pavilhão da Escola Secundária	50	50	Possui balneários
	Campo de Futebol de Sobrado	450		Possui balneários



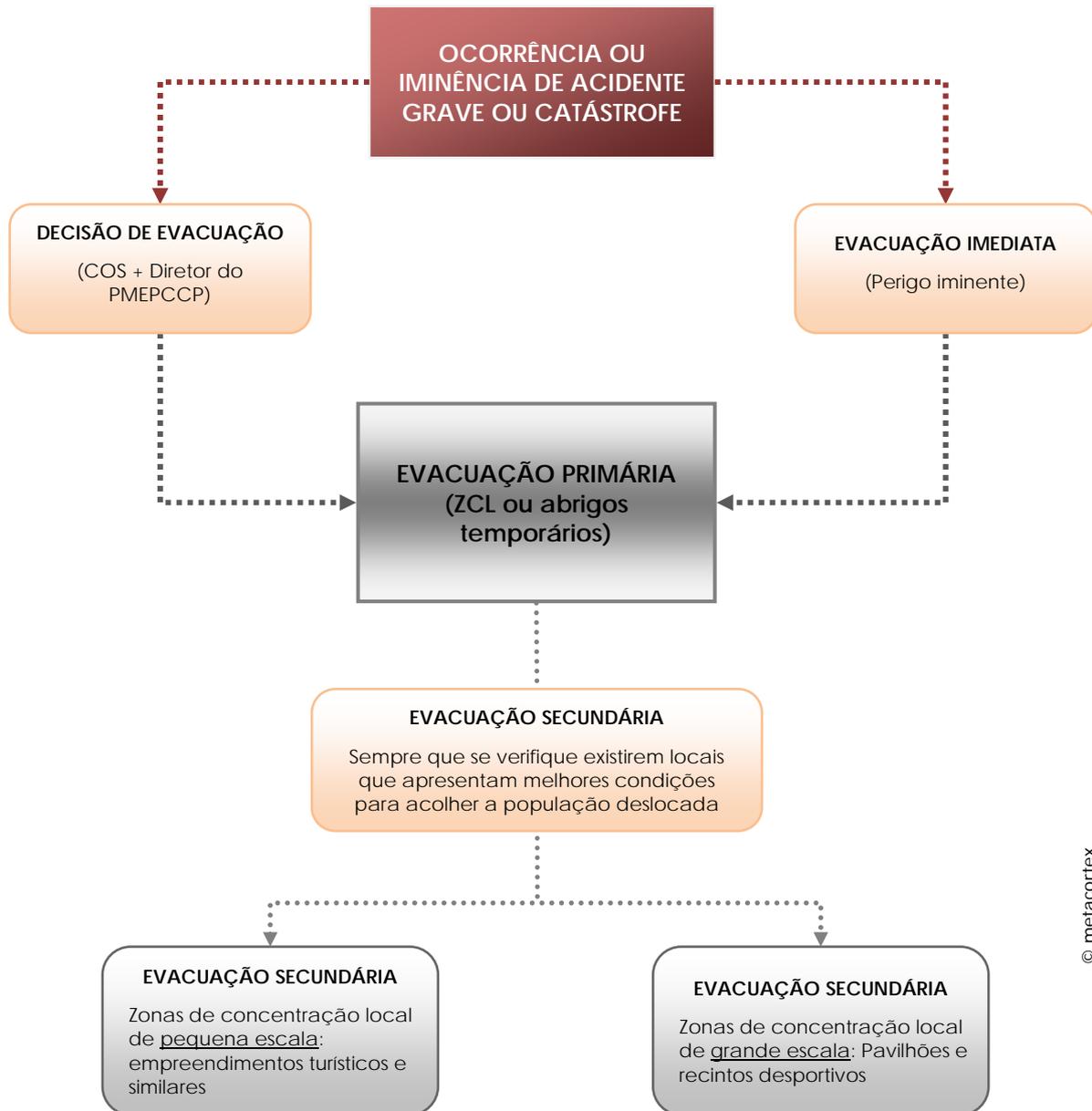
Convém sublinhar que será boa prática evitar, na medida do possível, realojar a população em escolas (apenas se deverá recorrer aos pavilhões destas), uma vez que uma das prioridades das ações de emergência será precisamente proceder à sua operacionalização, de modo a poderem acolher a população escolar e, assim, permitir que os pais se encontrem disponíveis para as ações de emergência e/ou reabilitação. Esta é a razão pela qual as ZCL definidas para o concelho não compreendem escolas.

Relativamente às ZCL importa ainda diferenciar as que darão resposta a emergências de pequena escala, onde será necessário garantir o alojamento temporário de um número relativamente reduzido de população, das que deverão ser usadas para acolher um elevado número de população deslocada. No primeiro caso deverá recorrer-se preferencialmente a **empreendimentos turísticos** e, no segundo, a **pavilhões ou campos desportivos** (ver Secção III - da Parte IV), ou mesmo grandes espaços abertos onde se organizarão campos de deslocados.

Na Figura 4 resumem-se, esquematicamente, os procedimentos de evacuação previstos para o concelho de Castelo de Paiva.

Após controlada a situação de acidente grave ou catástrofe, a população deslocada deverá ser reconduzida à sua área de residência ou para casa de familiares. Quando nenhuma dessas opções for possível deverá ponderar-se encaminhar a população deslocada para empreendimentos turísticos, ou prolongar a permanência nos mesmos, caso a população deslocada já se encontre nesse tipo de instalações.

Importa esclarecer que para além da evacuação das áreas em risco há que considerar as evacuações médicas a serem coordenadas pelo INEM. Estas poderão igualmente compreender duas fases: uma primeira onde os feridos são deslocados para instalações de apoio temporário, como hospitais de campanha, e uma segunda, onde os feridos são transportados de locais de apoio temporário para as unidades hospitalares finais. Estes procedimentos encontram-se definidos no ponto relativo aos serviços



© metacortex

Figura 4. Procedimentos de evacuação

médicos e transporte de vítimas.



Um elemento fundamental para se garantir a máxima eficiência nos procedimentos de evacuação relaciona-se com a definição e utilização de itinerários de evacuação. Estes deverão garantir não só a máxima rapidez de deslocação das forças de socorro (agentes de proteção civil e entidades de apoio), como dar fortes garantias de se encontrarem desobstruídos de destroços ou viaturas. O acesso a estes itinerários deverá ser controlado pelas forças de segurança do concelho.

Estas poderão ser auxiliadas pelas entidades de apoio, as quais deverão identificar as zonas que foram afetadas pelo fenómeno (destroços ou viaturas acidentadas) e informar as forças de segurança de modo a estas definirem percursos alternativos.

No Mapa 31 (Secção II – Parte IV) são identificados os itinerários primários de evacuação (IPE) do concelho de Castelo de Paiva, assim como a localização das principais ZCL. Os principais elementos considerados para a definição dos itinerários primários de evacuação do concelho foram o tipo de via (características do traçado e velocidade de circulação) e a sua proximidade às povoações, de modo a maximizar a rapidez das ações de emergência e evacuação em caso de acidente grave ou catástrofe e minimizar possíveis obstruções (teve-se como hierarquia de preferência as EN, ER e EM, recorrendo-se aos CM apenas para as povoações sem outras alternativas). Com a integração no mesmo mapa dos IPE e ZCL pretende-se facilitar o processo de avaliação conjunta da rede viária que deverá ser usada em caso de emergência e potenciais vias alternativas, bem como da proximidade destas à população deslocada.

Na Tabela 9 apresenta-se a organização e os procedimentos de evacuação.



Tabela 9. Procedimentos de evacuação

PROCEDIMENTOS DE EVACUAÇÃO	
ENTIDADE COORDENADORA	<p>Responsável - Forças de segurança: GNR</p> <p>Substituto - uma vez que estas ações envolverão necessariamente forças de segurança não se indica outra entidade em sua substituição</p> <p><i>Nota:</i> No espaço fluvial de jurisdição marítima a coordenação compete à Autoridade Marítima – Capitania do Porto do Douro.</p>
ENTIDADES INTERVENIENTES	ENTIDADES DE APOIO EVENTUAL
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Câmara Municipal de Castelo de Paiva 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Juntas de freguesia
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Corpo de Bombeiros Voluntários de Castelo de Paiva 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Centro de Saúde de Castelo de Paiva
<ul style="list-style-type: none"> ▪ GNR 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Serviço Local de Segurança Social, I.P. – Centro Distrital de Aveiro
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Capitania do Porto do Douro 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Conferência Vicentina
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Agrupamento Vertical de Escolas de Castelo de Paiva e Agrupamento de Escolas de Couto Mineiro do Pejão
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Corpo Nacional de Escutas - Agrupamento 1258
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Cruz Vermelha Portuguesa (Delegação de Castelo de Paiva)
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Empreendimentos turísticos
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Empresas de transporte de passageiros
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Forças Armadas
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ IPSS que atuam no concelho
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Restaurantes
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Santa Cada da Misericórdia
PRIORIDADES DE AÇÃO	



PROCEDIMENTOS DE EVACUAÇÃO

- Orientar e coordenar as operações de movimentação das populações, designadamente as decorrentes das evacuações.
- Difundir junto das populações avisos de evacuação, por via direta (pessoalmente), ou através de megafone, ou ainda através da comunicação social.
- Operacionalizar Zonas de Concentração Local (ZCL).
- Definir itinerários primários de evacuação (IPE).
- Garantir o controlo das vias de circulação de modo a não afetarem as movimentações das forças de intervenção e da população deslocada.
- Garantir uma rápida, ordeira e segura deslocação da população afetada.
- Controlar o acesso às zonas afetadas, às ZCL e aos abrigos temporários.

INSTRUÇÕES ESPECÍFICAS

1. A evacuação deverá ser proposta pelo COS e validada pelo diretor do PMEPCCP.
2. A orientação da evacuação e a coordenação da movimentação das populações é da responsabilidade das Forças de Segurança (nas zonas sob sua jurisdição).
3. As forças de segurança apoiam-se no Corpo de Bombeiros Voluntários de Castelo de Paiva e no SMPC.
4. Após a definição das zonas a evacuar, o tráfego rodoviário externo deverá ser reencaminhado pelas Forças de Segurança, as quais poderão criar barreiras de encaminhamento de tráfego. Também as zonas de acesso por via fluvial deverão ser condicionadas pela autoridade marítima, em caso de necessidade.
5. O Posto de Comando Operacional, com o apoio da CMPC, elabora, com urgência máxima, um plano de evacuação do qual deverá constar a zona a evacuar, o tempo dentro do qual a evacuação deve estar terminada, a estimativa do número de deslocados, o método de aviso à população, os meios de transporte para os deslocados, as instalações a serem usadas como abrigo temporário (locais seguros próximos da zona a evacuar) ou como ZCL (locais para acolhimento da população) e as vias através das quais a população deverá ser direcionada (IPE).
6. A definição das ZCL a utilizar terá por base as instalações que se encontram disponíveis operacionalmente para acolher a população deslocada e que melhor cumprem os requisitos necessários para garantir o seu bem-estar.
7. Deverá evitar-se recorrer a escolas (embora se possam recorrer às suas instalações desportivas) de modo a não impedir a sua operacionalização (uma das ações prioritárias será a operacionalização das escolas de modo a permitir que os pais se encontrem disponíveis para apoiar as ações de emergência/reabilitação).
8. Caso se opte por recintos a descoberto deverá garantir-se que existe o número suficiente de tendas para acolher a população deslocada.



PROCEDIMENTOS DE EVACUAÇÃO

9. Nas evacuações primárias deverá recorrer-se apenas aos Itinerários primários de evacuação definidos. Nas evacuações secundárias deverá recorrer-se preferencialmente aos itinerários primários de evacuação.
10. A GNR deverá fazer chegar ao local reboques para remover eventuais viaturas que se encontrem a obstruir os itinerários a recorrer na evacuação.
11. As forças de segurança procedem de imediato à constituição de um perímetro de segurança através do corte de trânsito e ao desimpedimento de vias que se encontrem obstruídas por viaturas (fazer imediatamente à chegada ao local o levantamento dos acessos que apresentam constrangimentos).
12. As forças de segurança deverão informar a população da necessidade de evacuação recorrendo a megafones ou pessoalmente através dos agentes presentes no local.
13. As forças de segurança, apoiando-se no Corpo de Bombeiros Voluntários de Castelo de Paiva, deverão desencadear as operações de evacuação mantendo permanentemente atualizado o registo das habitações/ruas evacuadas.
14. As entidades envolvidas no processo de evacuação deverão avisar a população para a necessidade de trazerem consigo a sua documentação e medicamentos.
15. Disponibilizar meios de transporte para a população que não possua transporte próprio. As forças de segurança poderão solicitar apoio à CMPC. Caso as entidades que compõem a CMPC não possuam viaturas adequadas ou em número suficiente, a CMCP procede ao aluguer de viaturas de transporte recorrendo aos meios identificados no PMEPCCP.
16. O Corpo de Bombeiros Voluntários de Castelo de Paiva (meios humanos) e a CMCP (meios humanos e viaturas de transporte) garantem o esforço de remoção e salvaguarda de alguns bens pessoais da população deslocada cujas habitações se encontram em maior risco.
17. Deverá, na medida do possível, reduzir-se ao mínimo o número de ZCL de modo a evitar a replicação de emergências em pequena escala (transportes e dispositivos logísticos). Por outro lado, em situações de acidente grave ou catástrofe que envolvam evacuações de grande escala, a capacidade de pequenos núcleos de realojamento ficarão esgotadas, pelo que a melhor opção poderá passar pela criação de campos de deslocados. Estas infraestruturas, uma vez operacionalizadas, dispõem de capacidade para fornecer alimentos, agasalhos e condições de higiene para um elevado número de deslocados.
18. As forças de segurança acompanham e escoltam a população ao longo do percurso de forma a garantir a manutenção da ordem na movimentação. Caso se considere necessário, deverão instalar-se Postos de Controlo de Tráfego (PCT) por parte das forças de segurança do concelho para que a zona afetada seja evacuada mais rapidamente.
19. As forças de segurança acompanham e orientam a população que se desloque através de viaturas próprias para as ZCL (a utilização de viaturas próprias deverá ser restringida uma vez que dificultará o controlo do tráfego no Teatro de Operações e nos itinerários de evacuação).
20. As forças de segurança indicam à população que possui viaturas próprias se o local para onde se pretendem dirigir (habitação de familiares ou amigos) poderá ser alcançado em segurança (e através de que vias), ou se será mais prudente dirigirem-se para uma ZCL.



PROCEDIMENTOS DE EVACUAÇÃO

21. As forças de segurança, apoiando-se no Corpo de Bombeiros Voluntários de Castelo de Paiva devem fazer chegar à zona a evacuar, como medida de precaução, uma equipa de emergência médica para prestar apoio a feridos resultantes da ocorrência ou da movimentação da população (possibilidade de atropelamentos devido ao pânico gerado).
22. Proceder à desobstrução dos acessos à população a evacuar (caso existam). Caso verifique ser necessário, a CMCP mobilizará maquinaria para este efeito.
23. As forças de segurança coordenam o controlo de acessos à zona sinistrada.
24. Para cada ZCL a ser operacionalizada deverá ser definido pela CMPC o responsável pela mesma. Os responsáveis pela coordenação das ações de apoio à população nas ZCL deverão ser selecionados de entre o universo dos técnicos da Secção de Ação Social e Educação da CMCP, do ISS e das IPSS do concelho.
25. Garantir a que o responsável por cada ZCL possui meios de comunicação em permanência com o Comandante Operacional Municipal⁹ (a CMPC deverá avaliar a disponibilidade de equipamentos de comunicação que poderão ser disponibilizados para o efeito).
26. Fazer chegar à zona a evacuar ou às ZCL, equipas de identificação e de apoio a carências ou necessidades da população (alimentos, agasalhos, alojamento, apoio psicológico e médico) através do SMPC, Conferência Vicentina e IPSS do concelho.
27. Identificar os deslocados, através do preenchimento de uma ficha com a listagem de apoios que cada pessoa recebeu (alimentos, agasalhos, alojamento, apoio psicológico e médico: Secção III -Parte IV). Esta ação será realizada pelo técnico da entidade que ficar responsável pelo apoio logístico à população deslocada em cada ZCL (ISS, IPSS e CMCP). Esta informação deverá ser disponibilizada à Autoridade de Saúde do Município.
28. Garantir a ligação permanente entre as ZCL, os abrigos temporários e o Gabinete de Relações Públicas e Imprensa, de forma a facilitar a localização de pessoas e os contactos familiares (a CMPC deverá avaliar a disponibilidade de equipamentos de comunicação que poderão ser disponibilizados para o efeito).
29. A CMPC deverá organizar a lista de pessoal a contactar (por exemplo elementos da Conferência Vicentina, IPSS do concelho e/ou Cruz Vermelha Portuguesa - delegação de Castelo de Paiva; ver Ponto 2,2) para garantir as necessidades básicas da população deslocada (alimentação, agasalhos e higiene). Ter em especial atenção a presença de crianças de colo, grávidas, deficientes e idosos.
30. A CMPC deverá proceder à disponibilização de camas e/ou colchões.

⁹ À data de elaboração do PMEPCCP não se encontra ainda nomeado o Comandante Operacional Municipal, pelo que se define que assumirá interinamente as suas funções, em caso de ativação do PMEPCCP, o Comandante do Corpo de Bombeiros Voluntários de Castelo de Paiva.



6. MANUTENÇÃO DA ORDEM PÚBLICA

Em caso de acidente grave ou catástrofe, a segurança das operações de emergência e a manutenção da ordem pública é garantida pelas forças de segurança presentes no concelho. A resposta das forças de segurança variará mediante a natureza e efeitos previstos ou verificados do acidente grave ou catástrofe. As ações a desenvolver pelas forças de segurança poderão consistir no controlo do acesso ao teatro de operações, apoio às entidades responsáveis por cuidados médicos, apoio à população afetada, proteção de infraestruturas sensíveis, patrulhamento do concelho, e articulação com outros serviços de investigação criminal.

No teatro de operações, em contexto de acidente fluvial no espaço fluvial de jurisdição marítima, o COS coordena a manutenção de ordem pública e o controlo da navegação através do Comando Local da Polícia Marítima do Douro, em articulação com as forças de segurança presentes no TO.

Os vários agentes e entidades previstos no âmbito do PMEPCCP deverão atuar articuladamente de modo a alcançar determinados objetivos comuns, como a conservação do maior número de vidas, o impedimento do agravamento do desastre e a minimização de prejuízos. Na Tabela 10 indicam-se as entidades responsáveis pela coordenação da manutenção da ordem pública, as entidades intervenientes, as prioridades de ação e os procedimentos e instruções de coordenação



Tabela 10. Procedimentos para a manutenção da ordem pública

MANUTENÇÃO DA ORDEM PÚBLICA	
ENTIDADE COORDENADORA	<p>Responsável - Forças de segurança: GNR</p> <p>Substituto - uma vez que estas ações envolverão necessariamente forças de segurança não se indica outra entidade em sua substituição.</p> <p>Nota: No espaço fluvial de jurisdição marítima a coordenação compete à Autoridade Marítima – Comando Local da Polícia Marítima do Douro.</p>
ENTIDADES INTERVENIENTES	ENTIDADES DE APOIO EVENTUAL
<ul style="list-style-type: none">▪ GNR	<ul style="list-style-type: none">▪ Câmara Municipal de Castelo de Paiva (SMPC)
<ul style="list-style-type: none">▪ Capitania do Porto do Douro	<ul style="list-style-type: none">▪ Serviço de Estrangeiros e Fronteiras
PRIORIDADES DE AÇÃO	
<ul style="list-style-type: none">▪ Garantir a manutenção ou restauração da ordem pública em situações de distúrbios, pânico e tensões internas.▪ Controlar o acesso de pessoas e veículos ao Teatro de Operações.▪ Controlar acessos nos itinerários de socorro.▪ Proteger os bens pessoais, impedindo roubos e pilhagens.▪ Garantir a segurança de infraestruturas consideradas sensíveis ou indispensáveis às operações de proteção civil (tais como instalações de agentes de proteção civil, unidades de saúde ou Zonas de Concentração Local e os abrigos temporários de população deslocada).▪ Controlar e orientar o tráfego.▪ Controlar o acesso a zonas sinistradas.	
INSTRUÇÕES ESPECÍFICAS	
SEGURANÇA PÚBLICA	
<ol style="list-style-type: none">1. A manutenção da ordem pública é competência primária das forças de segurança.2. As forças de segurança (GNR), para além de garantirem a segurança no(s) teatro(s) de operações, na deslocação das populações afetadas, nas Zonas de Concentração Local, nos locais de abrigo temporário e noutras instalações consideradas sensíveis, deverão ter previstas ações de patrulhamento no concelho, de modo a garantir a segurança da população (evitar alterações da ordem pública).	



MANUTENÇÃO DA ORDEM PÚBLICA

3. As instalações sensíveis cuja segurança deverá ser assegurada pelas forças de segurança deverão ser a Câmara Municipal de Castelo de Paiva, as instalações dos agentes de proteção civil (Centro de Saúde de Castelo de Paiva, GNR e CBVCP), o Tribunal, as ZCL e outras que se considerem necessárias. O controlo destes locais será efetuado através de ações de patrulhamento móvel.
4. A distribuição dos meios disponíveis nas forças de segurança do concelho pelas diferentes áreas de intervenção deverá ser comunicada à CMPC, de modo a que esta possa definir eventuais estratégias de supressão de carências (recurso a equipas de segurança privada, por exemplo).
5. As forças de segurança deverão proteger as áreas e propriedades abandonadas e/ou que sofreram colapso, as quais podem estar sujeitas a saque ou outras atividades criminosas.
6. As zonas contendo instalações comerciais (ou industriais, nomeadamente Zona Industrial de Lavagueiras e Zonas Industrial de Felgueiras, consideradas críticas (com bens essenciais para apoio à população) deverão ser alvo de patrulhamento sempre que os meios do dispositivo operacional assim o permitam, sendo útil considerar o recurso a empresas privadas da especialidade.
7. As forças de segurança deverão apoiar as ações de outros agentes de proteção civil quando solicitado e sempre que tenham disponibilidade para tal.
8. As forças de segurança poderão pedir auxílio a outras entidades (como elementos do SMPC, por exemplo), para os auxiliarem em tarefas de vigilância e de encaminhamento da população deslocada para ZCL.
9. As forças de segurança controlam os acessos aos itinerários de socorro.
10. As forças de segurança deverão proceder à desobstrução das vias de socorro que se encontrem condicionadas por viaturas mal parqueadas.
11. As forças de segurança deverão ainda impedir agressões ambientais.
12. O Serviço de Estrangeiros e Fronteiras auxilia os agentes de proteção civil sempre que estes o solicitem, assim como, nas ações que envolvam população estrangeira.

EXECUÇÃO DOS PERÍMETROS DE SEGURANÇA (TEATRO DE OPERAÇÕES)

1. Os teatros de operações serão vedados recorrendo, na medida do possível e onde se considerar pertinente, a barreiras físicas, com controlo de acessos por parte das forças de segurança territorialmente competentes. Recorrer-se-á igualmente a patrulhamento dos teatros de operações e condicionamento do trânsito local.
2. Os elementos das forças de segurança permitem o acesso ao teatro de operações de viaturas de emergência e de proteção civil (ANPC e SMPC) e a outras viaturas devidamente credenciadas.
3. As forças de segurança garantem a segurança das pessoas e bens das zonas afetadas.
4. As forças de segurança acompanham e controlam o acesso ao Teatro de Operações por parte de órgãos de comunicação social.



7. SERVIÇOS MÉDICOS E TRANSPORTE DE VÍTIMAS

De acordo com a Diretiva Operacional Nacional n.º 1/2010 da Autoridade Nacional de Proteção Civil, **o INEM coordena todas as atividades de saúde em ambiente pré-hospitalar, a triagem e evacuações médicas primárias** (para zonas de triagem) **e secundárias** (para unidades de saúde), a referenciação e transporte para as unidades de saúde adequadas, bem como a montagem de Postos de triagem. Isto é, deverá verificar-se em caso de emergência uma forte articulação entre o INEM (a quem compete coordenar as ações de saúde em ambiente pré-hospitalar), a autoridade local de saúde e o Centro de Saúde de Castelo de Paiva de modo a maximizar a eficiência das operações. No Ponto 11 da Secção III – Parte IV encontra-se especificado o procedimento de triagem de feridos de acordo com o modelo START.

No concelho de Castelo de Paiva, no que diz respeito a **serviços médicos**, importa destacar o papel que o Hospital de São Sebastião (Centro Hospitalar de Entre Douro e Vouga, EPE) e o Hospital Padre Américo, Vale do Sousa (Centro Hospitalar do Tâmega e Sousa, EPE) poderão prestar em situação de acidente grave ou catástrofe que envolva um elevado número de vítimas¹⁰.

A estrutura de saúde no concelho assenta no Centro de Saúde de Castelo de Paiva, o qual conta com extensões nas freguesias da Raiva e Santa Maria de Sardoura (identificados na Secção III - Parte IV), sendo que os meios materiais e humanos dos mesmos poderão prestar apoio em situação de acidente grave ou catástrofe (poderão apoiar as ações do INEM). Importa ainda destacar que o concelho de Castelo de Paiva possui uma unidade hospitalar pertencente à Santa Casa da Misericórdia, a qual poderá igualmente apoiar as ações de prestação de cuidados médicos à população afetada em caso de acidente grave ou catástrofe¹¹. Em caso de necessidade, os serviços de saúde pública poderão ainda ser complementados pelas farmácias existentes no concelho (Secção III – Parte IV).

Para além dos meios do concelho (os quais se listados na Secção III - Parte IV), esta estrutura pode, em caso de necessidade, ser reforçada com postos de socorro e triagem montados pelo INEM, Forças Armadas, Cruz Vermelha Portuguesa (Delegação de **Castelo de Paiva**, articulando-se, em caso de necessidade, com delegações vizinhas), em colaboração com o Centro de Saúde de Castelo de Paiva e Delegado de Saúde. Desta forma será possível garantir uma assistência pré-hospitalar à população afetada.

¹⁰ A localização geográfica do concelho de Castelo de Paiva leva a que o encaminhamento dos utentes para o Centro Hospitalar do Tâmega e Sousa, EPE, ou para o Centro Hospitalar de Entre Douro e Vouga, EPE, se faça de acordo com a proximidade das freguesias a cada um destes centros.

¹¹ O Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Castelo de Paiva conta com as seguintes especialidades médicas: Medicina de reabilitação; Imagiologia; consultas de clínica geral; análises clínicas; ortopedia; ginecologia e pediatria.

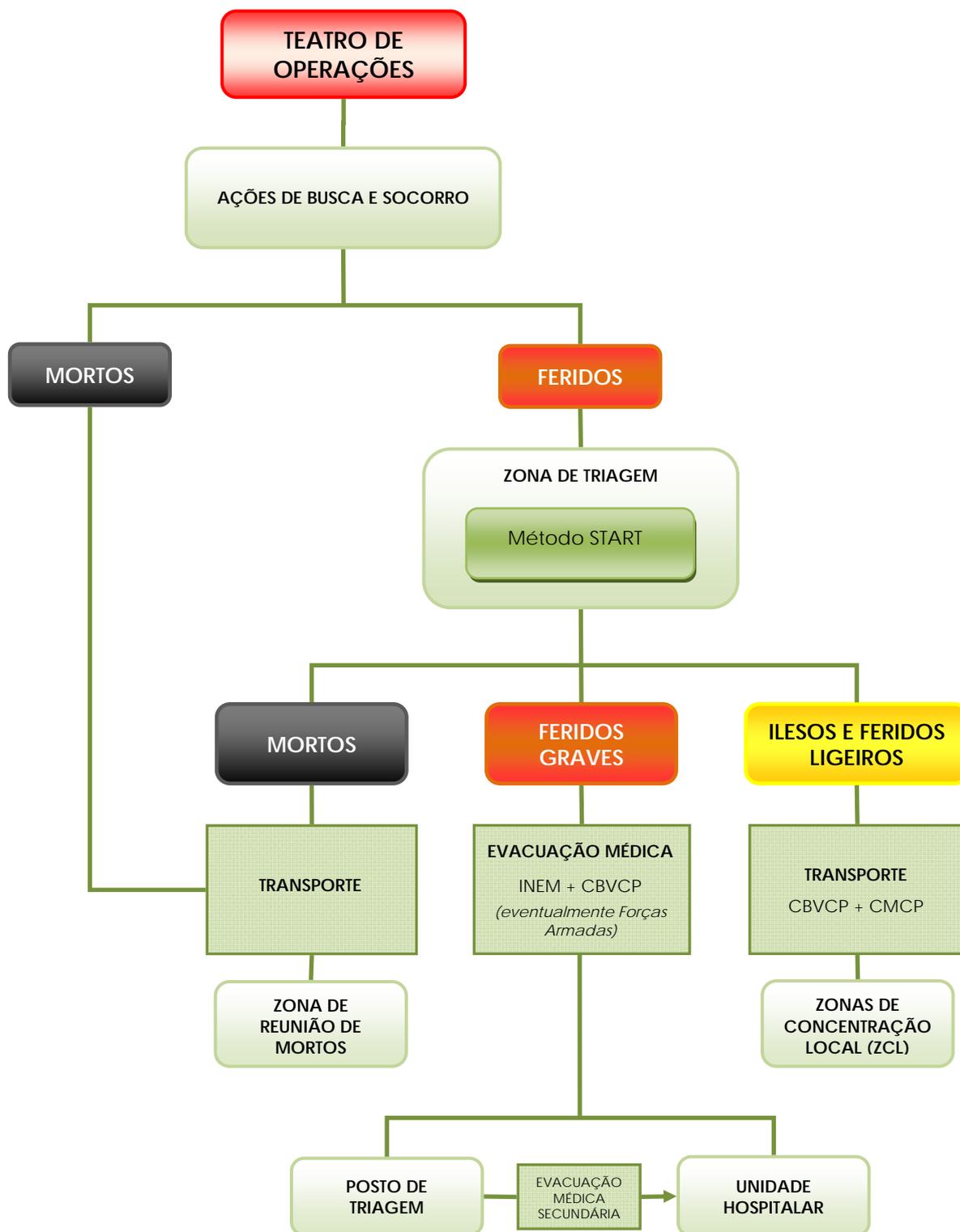


No que respeita ao **transporte de vítimas**, esta atividade será igualmente coordenada pelo INEM, o qual recorrerá a meios próprios, podendo no entanto apoiar-se nos meios de outras entidades, nomeadamente: o Corpo de Bombeiros Voluntários de Castelo de Paiva (e corpos de bombeiros de concelhos vizinhos) e as Forças Armadas. Todas estas entidades que operam a nível distrital e/ou municipal ficarão responsáveis por apoiar o INEM, quando solicitado, nas ações de serviços médicos e transportes de vítimas em caso de emergência.

O INEM deverá articular-se com o sistema nacional de proteção civil para acionar meios adicionais de apoio, nomeadamente através do CDOS, a nível distrital, ou através do SMPC a nível municipal. A Figura 5 resume os procedimentos de evacuação médica previstos para o PMEPCCP.

Em caso de ativação do PMEPCCP poderão verificar-se dois cenários:

- **Cenário 1** - a magnitude do evento não obriga à criação de um posto de triagem, sendo os feridos deslocados diretamente do teatro de operações para unidades hospitalares (ação coordenada pelo INEM apoiando-se ou não nas estruturas de saúde do concelho);
- **Cenário 2** - o INEM, em coordenação com a Autoridade de Saúde do município, tem de criar um posto de triagem (os quais poderão ser as instalações dos centros de saúde, ou uma tenda dedicada a cuidados médicos montada pela Delegação de Castelo de Paiva da Cruz Vermelha Portuguesa) para encaminharem para as unidades de saúde mais indicadas os indivíduos que apresentem apenas ferimentos ligeiros e para estabilizar os feridos graves que posteriormente serão transportados (de acordo com a disponibilidade de meios) para unidades hospitalares (evacuação médica secundária).



Fonte: Adaptado de ANPC (2009) - PEERS-AML-CL

Figura 5. Procedimentos de evacuação médica



Tabela 11. Procedimentos para os serviços médicos e transporte de vítimas

SERVIÇOS MÉDICOS E TRANSPORTE DE VÍTIMAS	
ENTIDADE COORDENADORA	Responsável – INEM Substituto – Autoridade de saúde concelhia
ENTIDADES INTERVENIENTES	ENTIDADES DE APOIO EVENTUAL
<ul style="list-style-type: none"> ▪ INEM 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Cruz Vermelha Portuguesa – Delegação de Castelo de Paiva
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Centro Hospitalar de Entre Douro e Vouga, EPE (Hospital de S. Sebastião) 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Santa Casa da Misericórdia (através do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Castelo de Paiva)
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Centro Hospitalar do Tâmega e Sousa, EPE (Hospital Padre Américo, Vale do Sousa) 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Forças Armadas
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Centro de Saúde de Castelo de Paiva 	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Autoridade de Saúde do município 	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Corpo de Bombeiros Voluntários de Castelo de Paiva 	
PRIORIDADES DE AÇÃO	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Garantir a prestação de cuidados médicos de emergência nas áreas atingidas, nomeadamente a triagem, estabilização e transporte das vítimas para as Unidades de Saúde. 	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Caso se verifique necessário, assegurar a montagem, organização e funcionamento de Postos de triagem onde se processarão as ações de triagem secundária. 	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Caso se verifique necessário, assegurar a montagem, organização e funcionamento de hospitais de campanha. 	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Implementar um sistema de registo de vítimas desde o Teatro de Operações até à Unidade de Saúde de destino. 	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Inventariar danos e perdas nas capacidades dos serviços de saúde, bem como das que se mantêm operacionais na Zona de Sinistro. 	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Organizar o fornecimento de recursos médicos. 	
INSTRUÇÕES ESPECÍFICAS	
<ol style="list-style-type: none"> 1. Nos teatros de operações são posicionados meios móveis do INEM para apoio imediato às ações de socorro. 	



SERVIÇOS MÉDICOS E TRANSPORTE DE VÍTIMAS

2. A triagem primária, realizada no local afetado pelo acidente grave ou catástrofe, é competência do INEM e Corpos de bombeiros envolvidos nas operações.
3. O INEM e o CBVCP prestam os primeiros socorros às vítimas que se encontrem nas zonas afetadas pelo acidente grave ou catástrofe.
4. O INEM determina os hospitais para onde deverão ser transportados os feridos ligeiros e graves.
5. Caso o INEM verifique a necessidade de se ativar uma zona de triagem deverá ter em consideração os meios disponíveis no concelho, articulando-se para tal com a Autoridade de Saúde do município.
6. As forças de segurança do concelho controlam o acesso e garantem a segurança dos postos de triagem.
7. A localização das zonas de triagem é feita pelo INEM apoiando-se nas restantes entidades de saúde do concelho, devendo encontrar-se tão perto quanto possível das zonas mais afetadas, respeitando as necessárias distâncias de segurança.
8. O INEM, em caso de necessidade, deverá articular-se com a Delegação de Castelo de Paiva da Cruz Vermelha Portuguesa de modo a que esta disponibilize os seus meios (incluindo tenda médica) para a criação de uma zona de triagem.
9. No concelho de Castelo de Paiva não existem áreas com um nível de risco que justifique a definição *a priori* de zonas de triagem. No entanto, será uma boa prática considerar para colocação de postos de triagem, zonas próximas do sinistro que sejam amplas, planas e de fácil acesso, como os campos de futebol, os quais se encontram identificados na Tabela 8 e no Mapa 13.
10. As instalações do Centro de Saúde e suas extensões poderão igualmente ser usadas para ações de triagem de feridos, nas situações em que o acidente grave tenha ocorrido na sua proximidade.
11. A triagem multivítimas deverá basear-se na metodologia START sempre que a zona afetada apresente um número muito elevado de vítimas (superior a 25).
12. As Forças Armadas colaboram, na medida das suas disponibilidades, na prestação de cuidados de saúde de emergência.
13. O INEM, apoiando-se nas unidades de saúde locais, deverá garantir o registo das vítimas desde o teatro de operações, passando pelos postos de triagem ou hospitais de campanha até às unidades hospitalares. Este registo deverá manter-se permanentemente atualizado e ser disponibilizada ao Diretor do PMEPCCP.
14. A autoridade de saúde, em articulação com o INEM, Centro de Saúde de Castelo de Paiva, Centro Hospitalar de Entre Douro e Vouga e Centro Hospitalar do Tâmega e Sousa, deverá inventariar, convocar, reunir e distribuir o pessoal dos Serviços de Saúde, nas suas diversas categorias, de forma a reforçar e/ou garantir o funcionamento de serviços temporários e/ou permanentes.
15. A autoridade de saúde poderá recorrer, em caso de necessidade, a entidades de apoio como a Santa Casa da Misericórdia de Castelo de Paiva (entidade que possui uma unidade hospitalar no concelho), a Delegação de Castelo de Paiva da Cruz Vermelha Portuguesa, o Corpo de Bombeiros Voluntários de Castelo de Paiva, entre outros.



SERVIÇOS MÉDICOS E TRANSPORTE DE VÍTIMAS

16. O transporte de vítimas é coordenado pelo INEM, o qual recorre a meios próprios, podendo no entanto apoiar-se nos meios de outras entidades, nomeadamente: o Corpo de Bombeiros Voluntários de Castelo de Paiva (e corpos de bombeiros de concelhos vizinhos) e Forças Armadas (o acionamento das Forças Armadas não é, no entanto, efetuado pelo patamar municipal).
17. O INEM deverá articular-se com o sistema nacional de proteção civil para acionar meios adicionais de apoio (essencialmente meios de ação médica e de transporte de vítimas), nomeadamente através do CDOS, a nível distrital, e através da CMPC a nível municipal. A ligação entre o INEM e a CMPC deverá ser efetuada através da Autoridade de Saúde do Município.
18. O encaminhamento de vítimas ligeiras para as unidades de saúde de retaguarda (centro de saúde, extensões de saúde e, eventualmente, Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Castelo de Paiva), será coordenado pela Autoridade de Saúde do Município.
19. O transporte da população que apresente ferimentos ligeiros ou que se encontra ileso é coordenado pela CMPC (transporte para as respetivas residências ou para Zonas de Concentração Local; ver procedimentos de evacuação).
20. Caso o INEM se encontre impossibilitado de fazer chegar ao concelho equipas de emergência médica, as ações previstas para aquela entidade são assumidas pelos serviços de saúde do concelho (Centro de Saúde de Castelo de Paiva) em articulação com a autoridade de saúde local. A Autoridade de Saúde deverá ainda, em caso de necessidade e como já se fez referência, recorrer ao apoio de entidades que atuam no concelho, nomeadamente a Santa Casa da Misericórdia e a Delegação de Castelo de Paiva da Cruz Vermelha Portuguesa.
21. As necessidades básicas das pessoas que se encontram ao cuidado das estruturas de saúde (água, alimentação, cuidados sanitários, etc.) são da responsabilidade das respetivas entidades. Estas poderão pedir apoio nesta matéria ao Diretor do PMEPCCP.
22. Caso mostre ser necessário, a Autoridade de Saúde do município, em articulação com a CMPC, deverá mobilizar as farmácias para apoio e auxílio às atividades de assistência médica.
23. As entidades responsáveis pela prestação de cuidados médicos à população estabelecem e coordenam as ações que visem o controlo de doenças transmissíveis.
24. A autoridade de saúde deverá recorrer aos meios disponíveis através da CMPC para difundir junto das populações, caso seja considerado necessário, recomendações de carácter sanitário (ver Ponto 4).

SERVIÇOS DE SAÚDE PARA AS FORÇAS DE INTERVENÇÃO

1. Em caso de acidente, os elementos envolvidos nas ações de socorro recorrerão às equipas do INEM presentes no teatro de operações.
2. Caso a dimensão da situação assim o exija, e se verifique disponibilidade operacional para tal, caberá ao INEM criar postos de triagem e socorro, os quais prestarão os primeiros socorros à população afetadas e a elementos das forças de intervenção.



SERVIÇOS MÉDICOS E TRANSPORTE DE VÍTIMAS

3. A Autoridade de Saúde do Município deverá disponibilizar na Zona de Concentração e Reserva do Teatro de Operações serviços de cuidados médicos para pequenos ferimentos que não necessitem de apoio hospitalar. Para esta ação, para além dos meios saúde disponíveis e mobilizáveis, poderá recorrer-se a entidades de apoio como Cruz Vermelha Portuguesa (delegação de Castelo de Paiva) e IPSS do concelho (por exemplo, da Santa Casa da Misericórdia).
4. As estruturas previstas nos dois pontos anteriores poderão ser reforçadas por infraestruturas privadas ou militares, mediante as necessidades e disponibilidade verificadas, em articulação com a CMPC.
5. Em caso de ferimentos graves deverá recorrer-se à rede de saúde existente no concelho e à rede hospitalar de concelhos vizinhos.

ACOMPANHAMENTO MÉDICO DA POPULAÇÃO DESLOCADA

1. A Autoridade de Saúde do município avalia a necessidade de se prestar apoio psicológico à população deslocada, principalmente aos elementos mais jovens, idosos, deficientes e no caso de terem ocorrido vítimas mortais, a elementos que perderam familiares. Os psicólogos necessários para esta tarefa serão disponibilizados pelo INEM, Instituto de Segurança Social e pela CMCP (ver Ponto 7.1), podendo ainda recorrer-se ao apoio da Delegação de Castelo de Paiva da Cruz Vermelha Portuguesa.
2. A distribuição de medicamentos pela população deslocada será responsabilidade da Autoridade de Saúde do município, coordenando-se com a CMPC.
3. Em caso de necessidade, a Autoridade de Saúde poderá solicitar à Câmara Municipal de Castelo de Paiva para suportar parte dos custos associados a esta tarefa.



7.1 Apoio psicológico

O apoio psicológico poderá ser prestado tanto a vítimas como a familiares das mesmas ou a agentes de proteção civil, organismos e entidades de apoio envolvidos nas ações de emergência. O apoio psicológico será prestado por psicólogos, sendo que numa primeira fase as ações deverão ser coordenadas pelo INEM, o qual se apoiará na Secção e Ação Social e Educação da CMCP e no Instituto de Segurança Social – Centro Distrital de Aveiro para as ações apoio continuado. Para além da disponibilização de psicólogos deverá estar prevista a atuação de párocos e representantes de outras religiões.

Na Tabela 12 identificam-se as ações a serem implementadas de modo a se prestar o apoio necessário à população e a elementos intervenientes nas ações de emergência.



Tabela 12. Procedimentos para o apoio psicológico

APOIO PSICOLÓGICO	
ENTIDADE COORDENADORA	Responsável (apoio imediato) – INEM
	Substituto (apoio imediato) – Câmara Municipal de Castelo de Paiva
	Responsável (apoio de continuidade) - Instituto de Segurança Social – Centro Distrital de Aveiro
	Substituto (apoio de continuidade) - Câmara Municipal de Castelo de Paiva
ENTIDADES INTERVENIENTES	ENTIDADES DE APOIO EVENTUAL
<ul style="list-style-type: none">▪ INEM	<ul style="list-style-type: none">▪ Cruz Vermelha Portuguesa – Delegação de Castelo de Paiva
<ul style="list-style-type: none">▪ Serviço Local de Segurança Social, I.P. – Centro Distrital de Aveiro	<ul style="list-style-type: none">▪ Párocos e representantes de outras religiões
<ul style="list-style-type: none">▪ Câmara Municipal de Castelo de Paiva	<ul style="list-style-type: none">▪ IPSS que atuam no concelho
<ul style="list-style-type: none">▪ Centro Hospitalar de Entre Douro e Vouga, EPE (Hospital de S. Sebastião)	<ul style="list-style-type: none">▪ Santa Casa da Misericórdia
<ul style="list-style-type: none">▪ Centro Hospitalar do Tâmega e Sousa, EPE (Hospital Padre Américo, Vale do Sousa)	
PRIORIDADES DE AÇÃO	
<ul style="list-style-type: none">▪ Assegurar o apoio psicológico imediato a prestar às vítimas e seus familiares.	
<ul style="list-style-type: none">▪ Assegurar o apoio psicológico aos agentes de proteção civil e dos organismos e entidades de apoio que intervieram nas operações de emergência.	
<ul style="list-style-type: none">▪ Assegurar o apoio psicológico de continuidade à população presente nas ZCL e nos abrigos temporários.	
<ul style="list-style-type: none">▪ Em caso de necessidade acionar zonas de acolhimento dedicadas em exclusivo a prestar apoio psicológico a vítimas.	
INSTRUÇÕES ESPECÍFICAS	
<ol style="list-style-type: none">1. O INEM é a entidade responsável por prestar o apoio psicológico imediato às vítimas, apoiando-se posteriormente no Instituto de Segurança Social para prestar apoio psicológico nas ZCL e nos abrigos temporários. O apoio psicológico de continuidade é responsabilidade do Instituto de Segurança Social.2. O apoio psicológico às vítimas e seus familiares, assim como aos familiares das vítimas mortais aquando da entrega de cadáveres, será realizado nas ZCL e nos abrigos temporários ou em instalações próprias ativadas para o efeito.	



APOIO PSICOLÓGICO

3. O apoio psicológico aos agentes de proteção civil, organismos e entidades de apoio envolvidos nas ações de emergência é responsabilidade primária das respetivas entidades. Em caso de insuficiência, ou ausência de meios de apoio, este será garantido por psicólogos disponibilizados pelo Instituto de Segurança Social em instalações apropriadas para o efeito.
4. As ações de apoio psicológico para os agentes de proteção civil, organismos e entidades de apoio envolvidos nas operações de emergência serão efetuadas após controlada a situação de acidente de grave ou catástrofe.
5. Os agentes de proteção civil e os organismos e entidades que disponham de psicólogos disponíveis para apoiar o INEM deverão indicá-lo.
6. O apoio psicológico de continuidade a realizar principalmente nas Zonas de Concentração Local, é coordenado pelo Instituto de Segurança Social, podendo este ser apoiado por psicólogos disponibilizados pela Câmara Municipal de Castelo de Paiva, Cruz Vermelha Portuguesa (Delegação de Castelo de Paiva) e IPSS que atuam no concelho. O apoio prolonga-se pela fase de reabilitação (pós-emergência).
7. Os párocos e representantes de outras religiões apoiam as ações de apoio psicológico coordenadas pelo INEM e Instituto de Segurança Social.
8. Deverá estar prevista a atuação de psicólogos ao serviço do INEM ou Instituto de Segurança Social nos principais locais de culto do concelho para apoiar familiares das vítimas.

8. SOCORRO E SALVAMENTO

No concelho de Castelo de Paiva, as entidades existentes para dar resposta a operações de socorro e salvamento são o CBVCP, a GNR e o INEM. No Mapa 32 (Secção II – Parte IV) identifica-se o tempo esperado na deslocação das forças de socorro a partir do quartel do CBVCP.

No teatro de operações, em contexto de acidente fluvial no espaço fluvial de jurisdição marítima, o COS coordena o socorro e salvamento marítimo em conformidade com o Plano de Salvamento Marítimo do Porto do Douro.

De salientar que foi considerada toda a rede rodoviária do concelho, pelo que em caso de obstrução de vias por destroços, os tempos de intervenção poderão ser superiores ao previsto. Este aspeto chama pois a atenção para importância de se desenvolverem ações de informação à população sobre medidas de autoproteção a adotar face a ocorrência de diferentes tipos de risco, de modo a mitigar os efeitos dos eventos até se dar a intervenção das forças de socorro. Na eventualidade de serem necessários meios aéreos o apoio poderá ser prestado pelo Centros de Meios Aéreos de Águeda (pista) ou à pista militar de Ovar. No caso de ocorrência ou iminência de acidentes com aeronaves, os agentes de proteção civil e o SMPC devem informar o CDOS, e este o CNOS (Figura 6). Na Tabela 13 indicam-se os procedimentos adotar no âmbito do socorro e salvamento.

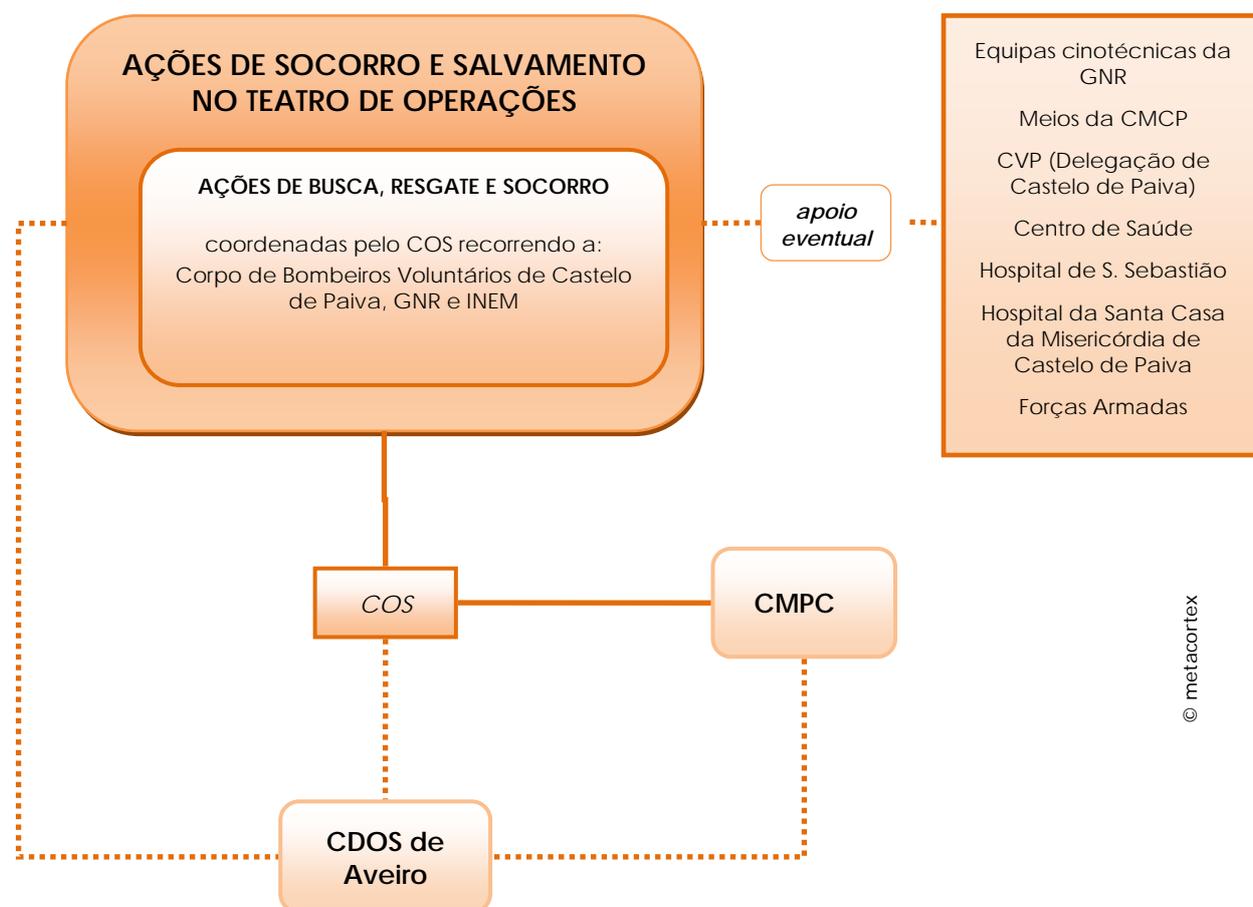


Figura 6. Organização das entidades responsáveis pelas ações de Socorro e Salvamento



Tabela 13. Procedimentos para o socorro e salvamento

SOCORRO E SALVAMENTO	
ENTIDADE COORDENADORA	<p>Responsável – Comandante das Operações de Socorro (COS)</p> <p>Substituto – O substituto do Comandante das Operações de Socorro será definido de acordo com o Sistema Integrado de Operações de Proteção e Socorro</p> <p>Nota: No espaço fluvial de jurisdição marítima a coordenação compete à Autoridade Marítima – Capitania do Porto do Douro.</p>
ENTIDADES INTERVENIENTES	ENTIDADES DE APOIO EVENTUAL
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Corpo de Bombeiros Voluntários de Castelo de Paiva 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Câmara Municipal de Castelo de Paiva (SMPC e Divisão de Obras Municipais e Ambiente)
<ul style="list-style-type: none"> ▪ GNR 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Cruz Vermelha Portuguesa – Delegação de Castelo de Paiva
<ul style="list-style-type: none"> ▪ INEM 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Forças Armadas
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Capitania do Porto do Douro 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Centro de Saúde de Castelo de Paiva
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Autoridade de Saúde do município
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Centro Hospitalar de Entre Douro e Vouga, EPE (Hospital de S. Sebastião)
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Centro Hospitalar do Tâmega e Sousa, EPE (Hospital Padre Américo, Vale do Sousa)
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Santa Casa da Misericórdia de Castelo de Paiva (através dos meios do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Castelo de Paiva)
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ CDOS de Aveiro
PRIORIDADES DE AÇÃO	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Definir as áreas afetadas onde deverão ser desencadeadas ações de busca e salvamento, tendo em conta as informações disponíveis quanto ao potencial de vítimas e de sobreviventes. 	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Assegurar a minimização de perdas de vidas, através da ação concertada entre as entidades intervenientes nas ações de busca, socorro e salvamento. 	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Assegurar a coordenação das operações de desencarceramento de vítimas. 	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Assegurar as operações de socorro, assistência a feridos e evacuações médicas e da população deslocada. 	



SOCORRO E SALVAMENTO

- Proceder à extinção e/ou controle de incêndios decorrentes do acidente grave ou catástrofe, dando prioridade aos que poderão gerar um maior número de feridos.
- Supervisionar e enquadrar operacionalmente equipas de salvamento de entidades de apoio.
- Colaborar na determinação de danos e perdas.
- Proceder à estabilização de edifícios (escoramento de estruturas, entre outros procedimentos), a demolições de emergência, à contenção de fugas e derrames e ao combate de incêndios.

INSTRUÇÕES ESPECÍFICAS

1. O chefe da primeira entidade que chegar ao local deverá, segundo o artigo 12.º do Decreto-Lei n.º 134/2006, de 25 de Julho, assumir o comando das operações e avaliar a situação e identificar o tipo de ocorrência, extensão, número potencial de vítimas e meios de reforço necessários.
2. A transferência de comando dar-se-á sempre que a natureza do evento exija a ampliação ou contração da organização. De forma mais simplificada, poder-se-á dizer que o comando das operações mudará sempre que a responsabilidade primária de gestão do incidente muda entre entidades, quando o incidente se torna mais ou menos complexo ou quando se verifica a rotatividade normal de pessoas (ver Ponto 1.2.3. da Secção I – Parte IV).
3. Sempre que se verificar a mudança de comando deverá ser realizado um *briefing* ao próximo Comandante e informar todos os agentes de proteção civil intervenientes nas operações de emergência relativamente à mudança de comando efetuada.
4. O CBVCP assegura primariamente as operações de busca, socorro, salvamento e combate a incêndios
5. O CBVCP é responsável pelo desencarceramento de vítimas recorrendo a meios próprios e a meios da Câmara Municipal (solicitados pelo COS à CMPC).
6. As forças de segurança (GNR) participam primariamente nas operações que se desenvolvem nas respetivas áreas de atuação, podendo atuar em regime de complementaridade em outras, como ações de busca e salvamento.
7. A GNR recorre a equipas cinotécnicas sempre que tal mostre ser necessário e possível.
8. O INEM assume as suas valências de socorro e salvamento após o resgate das vítimas das zonas afetadas. Caberá ao INEM articular-se com as estruturas de saúde locais através da autoridade de saúde do concelho.
9. Caso o INEM não se encontre disponível, as ações de saúde serão desenvolvidas pelos serviços de saúde disponíveis no concelho (Centro de Saúde de Castelo de Paiva e, em caso de necessidade, do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Castelo de Paiva e dos meios da Delegação de Castelo de Paiva da Cruz Vermelha Portuguesa).
10. No que respeita à prestação de cuidados médicos e transporte de vítimas aplica-se o definido para a Área de Intervenção de Serviços Médicos e Transporte de Vítimas.



SOCORRO E SALVAMENTO

11. No que respeita a procedimentos de mortuária, aplicam-se os procedimentos previstos para a Área de Intervenção de Serviços Mortuários
12. O Centro de Coordenação de Busca e Salvamento Aéreo assume a coordenação das operações de busca e salvamento associados a acidente envolvendo aeronaves.
13. As Forças Armadas participam nas operações de busca e salvamento na medida das suas capacidades e disponibilidades e caso o seu apoio tenha sido solicitado.
14. As forças de segurança escoltam e acompanham as equipas da comunicação social que se encontrem no(s) teatro(s) de operações.
15. O COS mantém-se permanentemente em contacto com o diretor do PMEPCCP.
16. O COS propõe à CMPC trabalhos de demolição ou de estabilização de infraestruturas.
17. As forças de segurança deslocam para a Zona de Concentração e Reserva do Teatro de Operações viaturas de reboque para se proceder ao rápido desimpedimento de vias, caso se verifique necessário. Em caso de necessidade as forças de segurança poderão pedir apoio nesta tarefa à CMPC.
18. A CMCP, coordenando-se com o(s) COS e sempre que tal faça sentido, deverá enviar de forma célere para a Zona de Concentração e Reserva do Teatro de Operações maquinaria pesada para auxiliar em eventuais ações de remoção de destroços.
19. Os serviços técnicos da CMCP divulgam ao(s) COS informação de carácter técnico útil para a definição de estratégias de intervenção no(s) teatro(s) de operações.
20. Os serviços técnicos da CMCP (Divisão de Obras Municipais e Ambiente e Divisão de Planeamento, Urbanismo e Habitação), em coordenação com o(s) COS, avaliam os danos sofridos em edifícios, depósitos de combustíveis líquidos e gasosos, e noutras infraestruturas.
21. Os serviços técnicos da CMCP (Divisão de Obras Municipais e Ambiente), em articulação com o Diretor do PMEPCCP, apoiam o COS nas ações de estabilização, demolição ou desativação de infraestruturas.
22. Os serviços técnicos da CMCP (Divisão de Obras Municipais e Ambiente e Divisão de Planeamento, Urbanismo e Habitação) deverão auxiliar a CMPC na definição das medidas de emergência a desenvolver nas áreas afetadas (estabilização de edifícios e demolições de emergência, desativação de depósitos de combustíveis líquidos ou gasosos, etc.).



9. SERVIÇOS MORTUÁRIOS

Em situações cujo número de mortos não atinja valores elevados, as vítimas mortais deverão ser transportadas para a morgue do Hospital de São Sebastião (Centro Hospitalar de Entre Douro e Vouga, EPE) ou morgue do Hospital Padre Américo, Vale do Sousa (Centro Hospitalar do Tâmega e Sousa, EPE).

Caso os acidentes graves ou catástrofes originem um elevado número de mortos¹², estes deverão ser reunidos em locais previamente estabelecidos, dando-se preferência a estruturas fixas temporárias (pavilhões desportivos, parques de estacionamento cobertos e armazéns), com as seguintes características:

- Fáceis de limpar;
- Em zonas planas e em espaços abertos;
- Com boa drenagem;
- Com boa ventilação natural;
- Com disponibilidade de água corrente;
- Com disponibilidade de eletricidade;
- Com comunicações;
- Com boas acessibilidades;
- Com áreas de refrigeração (se possível).

Nos casos em que se preveja a possibilidade de os cadáveres não poderem ser transportados para as morgues durante um determinado período de dias (dependendo das condições meteorológicas), poderá recorrer-se a **locais de reunião de mortos** (identificados no Mapa 31, da Secção II – Parte IV), nomeadamente, pavilhões desportivos.

Em situações extremas os cadáveres poderão ainda ser sepultados nos cemitérios do concelho sem terem sido identificados, procedendo-se posteriormente à sua exumação e enterro definitivo, ou em caso de reduzida capacidade dos cemitérios recorrer-se ao **local para sepultamentos de emergência**, identificado no Mapa 31.

¹² Por elevado número de vítimas entende-se um número tal que justifique a necessidade de se recorrer a meios adicionais de mortuária. Este valor encontra-se dependente, portanto, da possibilidade da entidade que normalmente acolhe cadáveres (Hospital de S. Sebastião e Hospital Padre Américo, Vale do Sousa) poder de facto fazê-lo face às consequências do acidente grave ou catástrofe (acolhimento de cadáveres de outros concelhos, por exemplo).



Estas ações caberão às forças de segurança e à Autoridade de Saúde do município que se articula com o Ministério Público e Instituto Nacional de Medicina Legal, de modo a preservar todas as provas necessárias para determinar as causas dos óbitos, solicitando os meios considerados necessários à CMCP.

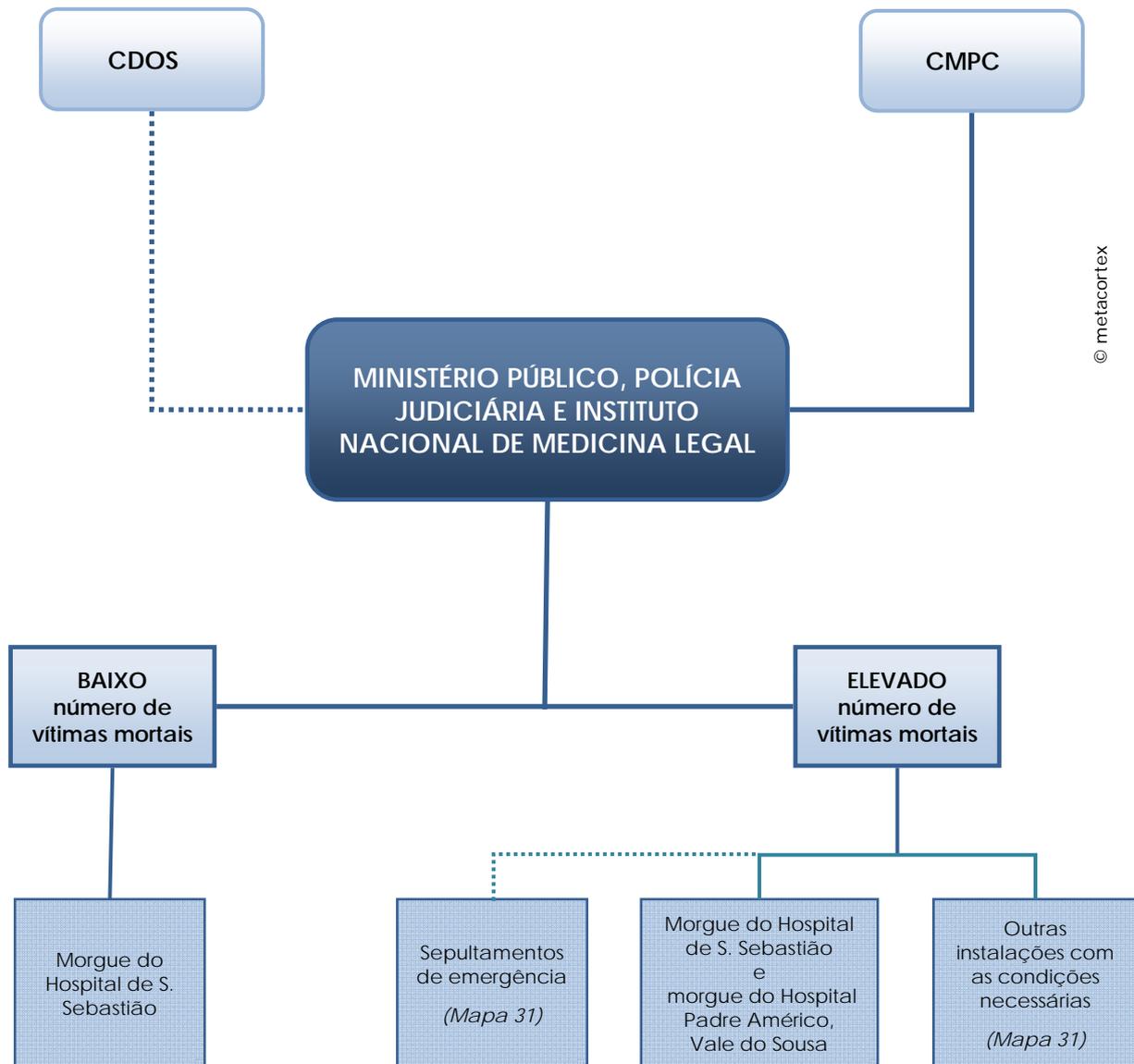


Figura 7. Organização funcional dos serviços mortuários



Tabela 14. Procedimentos para os serviços mortuários

SERVIÇOS MORTUÁRIOS	
ENTIDADE COORDENADORA	Responsável – Autoridade de Saúde do município Substituto - Em caso de extrema necessidade serão as forças de segurança presentes no concelho a assumir a coordenação desta tarefa - GNR
ENTIDADES INTERVENIENTES	ENTIDADES DE APOIO EVENTUAL
<ul style="list-style-type: none">▪ Autoridade de Saúde do município	<ul style="list-style-type: none">▪ Corpo de Bombeiros Voluntários de Castelo de Paiva
<ul style="list-style-type: none">▪ Instituto Nacional de Medicina Legal (INML)	<ul style="list-style-type: none">▪ Câmara Municipal de Castelo de Paiva (SMPC, Divisão de Obras Municipais e Ambiente)
<ul style="list-style-type: none">▪ GNR	<ul style="list-style-type: none">▪ Forças Armadas
<ul style="list-style-type: none">▪ Centro Hospitalar de Entre Douro e Vouga, EPE (Hospital de S. Sebastião)	<ul style="list-style-type: none">▪ Serviço de Estrangeiros e Fronteiras
<ul style="list-style-type: none">▪ Centro Hospitalar do Tâmega e Sousa, EPE (Hospital Padre Américo, Vale do Sousa)	<ul style="list-style-type: none">▪ Instituto de Registos e Notariado - Ministério da Justiça
<ul style="list-style-type: none">▪ Polícia Judiciária	<ul style="list-style-type: none">▪ Centro de Saúde de Castelo de Paiva
<ul style="list-style-type: none">▪ Ministério Público - PGR	<ul style="list-style-type: none">▪ Santa Cada da Misericórdia
<ul style="list-style-type: none">▪ Autoridade Marítima	
PRIORIDADES DE AÇÃO	
<ul style="list-style-type: none">▪ Assegurar o correto tratamento dos cadáveres, conforme os procedimentos operacionais previstos pelas forças de segurança.	
<ul style="list-style-type: none">▪ Operacionalizar as zonas de reunião de mortos.	
<ul style="list-style-type: none">▪ Garantir a eficiência das operações de recolha de informações que permitam proceder à identificação dos cadáveres.	
<ul style="list-style-type: none">▪ Assegurar a presença das Forças de Segurança nos locais onde decorrem operações de mortuária de forma a garantir a manutenção de perímetros de segurança.	
<ul style="list-style-type: none">▪ Assegurar a integridade das zonas onde foram referenciados e recolhidos cadáveres com vista a garantir a preservação de provas, a análise e recolha das mesmas.	
<ul style="list-style-type: none">▪ Garantir a capacidade de transporte de cadáveres ou partes de cadáveres.	



SERVIÇOS MORTUÁRIOS

- Garantir uma correta tramitação processual de entrega dos corpos identificados.

INSTRUÇÕES ESPECÍFICAS

1. As ações de mortuária exigem a presença de elementos das forças de segurança e de um médico (o qual poderá ser designado pela Autoridade de Saúde do município).
2. Os médicos envolvidos nas ações de mortuária verificam os óbitos dos corpos encontrados sem sinais de vida e procede à respetiva etiquetagem em colaboração com elementos da Polícia Judiciária ou, em alternativa, das forças de segurança presentes no local. Caso sejam detetados indícios de crime, o oficial mais graduado da força de segurança presente no local poderá solicitar exame por perito médico-legal, antes da remoção do cadáver.
3. A autorização de remoção de cadáveres, ou partes de cadáveres, do local onde foram inspecionados até uma zona de reunião de mortos, exista ou não suspeita de crime, cabe ao Ministério Público e é solicitada pelo responsável pelas forças de segurança presentes no local.
4. A autorização do Ministério Público para remoção de cadáveres é transmitida mediante a identificação do elemento policial da força de segurança presente no local, dia, hora e local da remoção, conferência do número total de cadáveres ou partes de cadáveres cuja remoção se solicita, com menção do número identificador daqueles em relação aos quais haja suspeita de crime.
5. Em casos excecionais, em que esteja em causa a saúde pública, os cadáveres deverão ser removidos da zona afetada pelos agentes de proteção civil em articulação com a autoridade de saúde local e Presidente da Câmara Municipal de Castelo de Paiva.
6. A remoção e transporte dos cadáveres é efetuada pelas forças de segurança disponíveis, as quais se poderão apoiar em caso de necessidade em viaturas disponibilizadas pela CMCP ou de outras entidades competentes para o efeito, como por exemplo as Forças Armadas (o acionamento das Forças Armadas não compete, no entanto, ao patamar municipal). Os cadáveres, ou partes de cadáveres, deverão encontrar-se devidamente etiquetados e acondicionados em sacos apropriados para o efeito, também estes devidamente etiquetados.
7. Caberá à Autoridade de Saúde do Município indicar as zonas de reunião de mortos e/ou necrotérios provisórios a utilizar. Os possíveis locais a utilizar para reunião de mortos e necrotérios provisórios encontram-se identificados no Mapa 31.
8. No concelho de Castelo de Paiva, uma vez que não existem locais refrigerados para a reunião de mortos, poderá recorrer-se em caso de necessidade a pavilhões e outras infraestruturas amplas com disponibilidade de eletricidade e água corrente, ar-condicionado e com acesso facilmente controlável pelas forças de segurança. Deverá dar-se prioridade a infraestruturas geridas por entidades públicas.
9. Os cadáveres presentes em zonas de receção de mortos são posteriormente transportados (assim que exista capacidade operacional para tal) para instalações do Instituto Nacional de Medicina Legal para realização de autópsia médico-legal e demais procedimentos tendentes à identificação, estabelecimento de causa de morte e subsequente destino do corpo ou partes do mesmo.



SERVIÇOS MORTUÁRIOS

10. Em caso de necessidade, poderão ser disponibilizadas instalações no concelho para realização das autópsias por parte do Instituto Nacional de Medicina Legal. Estes locais serão indicados pela Autoridade de Saúde do município (que se encontra em permanente ligação com a CMPC), analisados pelos elementos do Instituto Nacional de Medicina Legal e disponibilizados via CMPC.
11. A CMPC é responsável por disponibilizar ao Instituto Nacional de Medicina Legal todos os meios por este solicitados, como iluminação, macas com rodas, mesas de trabalho, sacos de transporte de cadáveres, pontos de água e energia.
12. A identificação de cadáveres resulta exclusivamente de técnicas médico-legais e policiais, registadas em formulários próprios.
13. Caberá à Autoridade de Saúde do Município organizar o registo dos mortos;
14. A identificação das vítimas deverá ser imediatamente disponibilizada às forças de segurança do concelho as quais procederão ao cruzamento desta informação com a lista de desaparecidos.
15. Caso as autópsias sejam realizadas em instalações do concelho (disponibilizadas pela CMPC), deverá ser assegurada a presença de representantes do Instituto de Registos e Notariado – Ministério da Justiça para proceder ao registo de óbitos e garantir toda a tramitação processual e documental associada.
16. Caso as vítimas sejam de nacionalidade estrangeira (ou assim se suspeite) será acionado o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras e a Unidade de Cooperação Internacional da Polícia Judiciária para obtenção de dados para a identificação da mesma.
17. Os cadáveres que se encontram em hospitais de campanha ou postos de triagem são encaminhados para zonas de receção de mortos, desenvolvendo-se a partir daí os procedimentos já descritos.
18. Para os cadáveres que se encontrem em estabelecimentos hospitalares e demais unidades de saúde, cujas causas de morte decorram de patologias anteriores ao evento que gerou a situação de acidente grave ou catástrofe, adotam-se os procedimentos habituais de verificação do óbito e, após cumprimento das formalidades legais internas, entrega-se o corpo à família.
19. Em caso de necessidade, os cadáveres poderão ser conservados em frio ou mesmo inumados provisoriamente (se necessário em sepultura comum), assegurando-se a identificabilidade dos mesmos, até posterior inumação definitiva ou cremação (o local para sepultamentos de emergência encontra-se identificado no Mapa 31).
20. A segurança das zonas ou instalações de receção de mortos é assegurada pelas forças de segurança presentes no concelho.
21. Caberá à Autoridade de Saúde do Município assegurar a ligação ao Ministério Público, Instituto de Medicina Legal e INEM.
22. As necessidades de transporte de pessoas e equipamentos serão supridos pela CMCP através da Divisão de Obras Municipais e Ambiente, de acordo com os meios disponíveis. Em caso de manifesta necessidade a CMCP recorrerá a meios privados para a operacionalização destas ações.



SERVIÇOS MORTUÁRIOS

23. Os materiais necessários para as ações de mortuária deverão ser acionados pela Autoridade de Saúde concelhia, a qual deverá apoiar-se primordialmente nas estruturas de saúde do concelho (Centro de Saúde de Castelo de Paiva e, caso seja possível, o Hospital de S. Sebastião).



10. PROTOCOLOS

À data da elaboração do PMEPCCP o município de Castelo de Paiva não dispõe de protocolos estabelecidos com organismos, entidades, empresas ou Instituições Particulares de Solidariedade Social, no âmbito da emergência de proteção civil.